***MENSAGEM VÍDEO DO PAPA FRANCISCO   
NAS VÉSPERAS DA VIAGEM APOSTÓLICA AO QUÉNIA E UGANDA***[25-30 DE NOVEMBRO DE 2015]

*Queridos amigos*

Enquanto me preparo para [visitar o Quénia e o Uganda,](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html) no fim deste mês, transmito algumas palavras de saudação e amizade a vós e às vossas famílias. Aguardo com prazer o tempo que passaremos juntos.

Vou como ministro do Evangelho para proclamar o amor de Jesus Cristo e a sua mensagem de reconciliação, perdão e paz. A minha visita visa confirmar a comunidade católica no seu culto a Deus e no seu testemunho do Evangelho, que ensina a dignidade de cada homem e de cada mulher, e pede-nos que abramos o coração aos outros, especialmente aos pobres e necessitados.

Ao mesmo tempo, desejo encontrar-me com todo o povo do Quénia e do Uganda, e a cada um oferecer uma palavra de encorajamento. Vivemos uma época em que os fiéis das religiões e as pessoas de boa vontade em toda a parte são chamados a promover a compreensão e o respeito recíprocos, e a ajudar-se uns aos outros como membros da nossa única família humana.

Com efeito, todos nós somos filhos de Deus. Um dos momentos culminantes da minha visita serão os encontros que terei com os jovens, que são o vosso maior recurso e a nossa esperança mais promissora para um futuro de solidariedade, paz e progresso.

Sei que muitas pessoas trabalham duramente para preparar a minha visita e estou-lhes grato por isto. Peço-vos a todos que oreis a fim de que a minha permanência no Quénia e no Uganda possa ser uma nascente de esperança e encorajamento para todos. Sobre vós e as vossas famílias invoco as Bênçãos divina da alegria e da paz!

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM AS AUTORIDADE DO QUÉNIA E COM O CORPO DIPLOMÁTICO**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Palácio Presidencial, Nairobi  
Quarta-feira, 25 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/25/kenyaautorita.html)**]**

*Senhor Presidente,  
Ilustres membros do Governo e Autoridades Civis,  
Distintos membros do Corpo Diplomático,  
Amados Irmãos Bispos,  
Senhoras e Senhores!*

Estou muito grato pela vossa calorosa recepção nesta minha primeira visita à África. Agradeço-lhe, Senhor Presidente, as amáveis palavras que me dirigiu em nome do povo queniano, e olho com esperança a minha estadia entre vós. O Quénia é uma nação jovem e vigorosa, uma comunidade com ricas diversidades, que desempenha um papel significativo na região. A vossa experiência de moldar uma democracia é compartilhada de vários modos por muitas outras nações africanas. Como o Quénia, também elas trabalham por construir, sobre as bases sólidas do respeito mútuo, do diálogo e da cooperação, uma sociedade multiétnica que seja verdadeiramente harmoniosa, justa e inclusiva.

A vossa é também uma nação de jovens. Nestes dias, espero encontrar muitos deles e falar com eles a fim de encorajar as suas esperanças e aspirações para o futuro. A juventude é o recurso mais valioso de qualquer nação. Proteger os jovens, investir neles e dar-lhes uma mão amiga é o modo melhor para garantir um futuro digno da sabedoria e dos valores espirituais queridos aos seus anciãos, valores que são o coração e a alma dum povo.

O Quénia foi abençoado não só com uma beleza imensa nas suas montanhas, rios e lagos, nas suas florestas, savanas e regiões semi-desertas, mas também com a abundância de recursos naturais. O povo queniano nutre grande apreço por estes tesouros que Deus lhe deu, sendo reconhecido por uma cultura de conservação que o honra. A grave crise do meio ambiente, que o mundo enfrenta, exige uma sensibilidade ainda maior pela relação entre os seres humanos e a natureza. Temos a responsabilidade de transmitir a beleza da natureza, na sua integridade, às gerações futuras e a obrigação de exercer uma justa administração dos dons que recebemos. Estes valores estão profundamente arraigados na alma africana. Num mundo que continua mais a explorar do que proteger a nossa casa comum, tais valores devem inspirar os esforços dos governantes para promover modelos responsáveis de desenvolvimento económico.

Com efeito, há uma ligação clara entre a protecção da natureza e a construção duma ordem social justa e equitativa. Não pode haver renovação da nossa relação com a natureza, sem uma renovação da própria humanidade (cf. [*Laudato si’*, 118](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#118)). Enquanto as nossas sociedades experimentarem divisões, sejam elas étnicas, religiosas ou económicas, todos os homens e mulheres de boa vontade são chamados a trabalhar pela reconciliação e a paz, pelo perdão e a cura dos corações. Na obra de construção duma ordem democrática sã, fortalecendo a coesão e a integração, a tolerância e o respeito pelos outros, a busca do bem comum deve ser um objectivo primário. A experiência demonstra que a violência, os conflitos e o terrorismo se alimentam com o medo, a desconfiança e o desespero que nascem da pobreza e da frustração. Em última análise, a luta contra estes inimigos da paz e da prosperidade deve ser conduzida por homens e mulheres que, destemidamente, acreditam e, honestamente, dão testemunho dos grandes valores espirituais e políticos que inspiraram o nascimento da nação.

Senhoras e Senhores, a promoção e a salvaguarda destes grandes valores estão especialmente confiados a vós que guiais a vida política, cultural e económica do vosso país. Esta é uma grande responsabilidade, uma verdadeira vocação ao serviço de todo o povo queniano. O Evangelho diz-nos que, «a quem muito foi dado, muito será exigido» (*Lc* 12, 48). À luz disto, encorajo-vos a trabalhar, com integridade e transparência, para o bem comum e a fomentar um espírito de solidariedade a todos os níveis da sociedade. Peço-vos, de modo particular, que manifesteis uma autêntica preocupação com as necessidades dos pobres, as aspirações dos jovens e uma distribuição justa dos recursos naturais e humanos com que o Criador abençoou o vosso país. Garanto-vos a prossecução dos esforços da comunidade católica, através das suas obras educacionais e caritativas, procurando oferecer a sua contribuição específica nestas áreas.

Queridos amigos, foi-me dito que aqui no Quénia há a tradição dos alunos plantarem árvores para a posteridade. Possa este eloquente sinal de esperança no futuro e de confiança no crescimento que Deus dá, sustentar-vos a todos nos esforços por cultivar uma sociedade solidária, justa e pacífica no território pátrio e em todo o grande continente africano. Agradeço-vos mais uma vez o vosso caloroso acolhimento e invoco, sobre vós, vossas famílias e todo o amado povo queniano, abundantes bênçãos do Senhor.

*Mungu abariki Kenya!* [Deus abençoe o Quénia!]

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO ECUMÉNICO E INTER-RELIGIOSO**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Salão da Nunciatura Apostólica, Nairobi (Quénia)  
Quinta-feira, 26 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/26/kenyainterreligioso.html)**]**

*Queridos amigos!*

Agradeço a vossa presença aqui hoje e a oportunidade de partilhar estes momentos de reflexão convosco. De modo particular, quero agradecer a D. Kairo, ao Arcebispo Wabukala e ao Professor El-Busaidy as palavras de boas-vindas que me dirigiram em nome pessoal e das respectivas comunidades. Considero importante que, ao visitar os católicos duma Igreja local, sempre tenha ocasião de encontrar os líderes doutras comunidades cristãs e doutras tradições religiosas. Tenho esperança de que este tempo transcorrido em conjunto possa ser um sinal da estima da Igreja pelos seguidores de todas as religiões; possa este encontro ajudar a fortalecer os laços de amizade que já existem entre nós.

A bem da verdade, esta relação coloca-nos perante um desafio; põe-nos questões. Mas o diálogo ecuménico e inter-religioso não é um luxo. Não é algo exterior ou opcional, mas é essencial, algo de que o nosso mundo, ferido por conflitos e divisões, tem cada vez mais necessidade.

Com efeito, as crenças religiosas e a maneira de as praticar influem sobre aquilo que somos e a compreensão do mundo que nos rodeia. São, para nós, fonte de iluminação, sabedoria e solidariedade, enriquecendo assim as sociedades onde vivemos. Ao cuidar do crescimento espiritual das nossas comunidades, ao formar as mentes e os corações para a verdade e os valores ensinados pelas nossas tradições religiosas, tornamo-nos uma bênção para as comunidades onde vive o nosso povo. Numa sociedade democrática e pluralista como o Quénia, a cooperação entre os líderes religiosos e as suas comunidades torna-se um importante serviço ao bem comum.

À luz disto e num mundo cada vez mais interdependente, vemos cada vez mais claramente a necessidade da compreensão inter-religiosa, da amizade e da cooperação na defesa da dignidade conferida por Deus a cada um dos indivíduos e aos povos, e o seu direito de viver em liberdade e felicidade. Ao defender e respeitar tal dignidade e tais direitos, as religiões desempenham um papel essencial para se formar as consciências, incutir nos jovens os valores espirituais profundos das nossas respectivas tradições, formando bons cidadãos, capazes de impregnar a sociedade civil de honestidade, integridade e uma visão do mundo que valorize a pessoa humana no que diz respeito ao poder e ao ganho material.

Penso aqui na importância da nossa convicção comum segundo a qual, o Deus a quem procuramos servir, é um Deus de paz. O seu Nome Santo não deve jamais ser usado para justificar o ódio e a violência. Permanece viva, em vós, a memória deixada pelos bárbaros ataques ao Westgate Mall, ao Garissa University College e a Mandera. Com muita frequência, tornam-se os jovens extremistas em nome da religião para semear discórdia e terror, para dilacerar o tecido das nossas sociedades. Como é importante que nos reconheçam como profetas de paz, pacificadores que convidam os outros a viver em paz, harmonia e respeito mútuo! Que o Todo-Poderoso toque os corações de quantos estão envolvidos nesta violência e conceda a sua paz às nossas famílias e comunidades.

Queridos amigos, comemora-se este ano o cinquentenário do encerramento do [Concílio Vaticano II](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm), no qual a Igreja Católica se comprometeu no diálogo ecuménico e inter-religioso ao serviço da compreensão e da amizade. Pretendo reiterar este compromisso, que nasce da nossa convicção da universalidade do amor de Deus e da salvação que Ele oferece a todos. O mundo espera, e com razão, que os crentes trabalhem juntamente com as pessoas de boa vontade para enfrentar os numerosos problemas da família humana. Com os olhos no futuro, rezemos para que todos os homens e mulheres se considerem irmãos e irmãs, unidos pacificamente nas suas diferenças e através delas. Rezemos pela paz!

Agradeço a vossa atenção, e peço a Deus Todo-Poderoso que vos conceda, a vós e às vossas comunidades, a abundância das suas bênçãos.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**SANTA MISSA**

***HOMILIA DO SANTO PADRE***

*Campus da Universidade de Nairobi (Quénia)  
Quinta-feira, 26 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/26/messanairobi.html)**]**

A palavra de Deus toca-nos no mais íntimo do coração. Hoje, Deus diz-nos que Lhe pertencemos. Foi Ele quem nos fez, somos a sua família, e Ele estará sempre ao nosso dispor. Não temais – diz-nos Ele! Eu vos escolhi e prometo dar-vos a minha bênção (cf. *Is* 44, 2).

Escutámos esta promessa na primeira Leitura de hoje. O Senhor diz-nos que fará jorrar água no deserto, numa terra sequiosa; fará com que os filhos do seu povo floresçam como a erva e como salgueiros exuberantes. Sabemos que esta profecia se cumpriu com a efusão do Espírito Santo no Pentecostes. Mas vemos que se cumpre também onde quer que o Evangelho é pregado, quando novos povos se tornam membros da família de Deus, a Igreja. Hoje alegramo-nos, porque se cumpriu nesta terra. Através da pregação do Evangelho, tornastes-vos também participantes da grande família cristã.

A profecia de Isaías convida-nos a olhar para as nossas famílias, dando-nos conta de como são importantes no plano de Deus. A sociedade do Quénia tem sido longamente abençoada com uma vida familiar sólida, um respeito profundo pela sabedoria dos idosos e o amor pelas crianças. A saúde de qualquer sociedade depende da saúde das famílias. Para nosso próprio bem e para bem da sociedade, a nossa fé na Palavra de Deus chama-nos a sustentar a missão das famílias na sociedade, a acolher as crianças como uma bênção para o nosso mundo, e a defender a dignidade de cada homem e mulher, pois somos todos irmãos e irmãs na única família humana.

Obedecendo à Palavra de Deus, somos chamados também a resistir a práticas que favorecem a arrogância nos homens, ferem ou desprezam as mulheres e ameaçam a vida dos inocentes nascituros. Somos chamados a respeitar-nos e encorajar-nos uns aos outros, e a aproximar-nos de todos os necessitados. As famílias cristãs têm esta missão especial: irradiar o amor de Deus e difundir a água vivificante do seu Espírito. Isto é particularmente importante hoje, porque assistimos ao crescimento de novos desertos criados por uma cultura de materialismo e indiferença para com os outros.

Aqui no coração desta Universidade, onde se formam as mentes e os corações das novas gerações, faço apelo de modo especial aos jovens da nação. Os grandes valores da tradição africana, a sabedoria e a verdade da Palavra de Deus e o idealismo generoso da vossa juventude vos guiem no compromisso de formar uma sociedade que seja cada vez mais justa, inclusiva e respeitadora da dignidade humana. Tende sempre a peito as necessidades dos pobres e rejeitai tudo aquilo que leva ao preconceito e à discriminação, porque estas coisas – como sabemos – não são de Deus.

Todos conhecemos bem a parábola de Jesus que fala do homem que construiu a sua casa sobre a areia, em vez de o fazer sobre a rocha. Quando sopraram os ventos, a casa desmoronou-se e a sua ruína foi grande (cf. *Mt* 7, 24-27). Deus é a rocha sobre a qual somos chamados a construir. Assim no-lo diz Ele na primeira Leitura, perguntando: «Acaso há outro Deus além de Mim?» (*Is* 44,8).

E também quando Jesus ressuscitado afirma, no Evangelho de hoje, «foi-Me dado todo o poder no Céu e na Terra» (*Mt* 28, 18), pretende dizer-nos que Ele mesmo, o Filho de Deus, é a rocha. Não há mais nenhuma além d’Ele. Como único Salvador da humanidade, deseja atrair a Si homens e mulheres de todos os tempos e lugares, para poder levá-los ao Pai. Quer que todos construamos a nossa vida sobre o alicerce firme da sua palavra.

E esta é a tarefa que o Senhor dá a cada um de nós. Pede-nos para sermos discípulos missionários, homens e mulheres que irradiem a verdade, a beleza e a força do Evangelho que transforma a vida. Homens e mulheres que sejam canais da graça de Deus, que permitam à sua misericórdia, benevolência e verdade tornar-se os elementos de construção duma casa que quer permanecer firme. Uma casa que é um lar, onde irmãos e irmãs vivem, finalmente, em harmonia e respeito mútuo, obedecendo à vontade do verdadeiro Deus, que nos mostrou, em Jesus, o caminho para a liberdade e a paz a que aspiram todos os corações.

Que Jesus, o Bom Pastor, a rocha sobre a qual construímos as nossas vidas, vos guie, a vós e às vossas famílias, pelo caminho do bem e da misericórdia durante todos os dias da vossa vida. Ele abençoe todos os habitantes do Quénia com a sua paz.

«Sede fortes na fé! Não tenhais medo», porque pertenceis ao Senhor.

*Mungu awabariki!* [Deus vos abençoe!]

*Mungu abariki Kenya!* [Deus abençoe o Quénia!]

© Copyright - Libreria Editrice

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM O CLERO, OS RELIGIOSOS,   
AS RELIGIOSAS E OS SEMINARISTAS**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Campo Esportivo da Escola de Santa Maria, Nairobi (Quénia)  
Quinta-feira, 26 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/26/kenyareligiosi.html)**]**

V. *Tumisufu Yesu Kristu*! [Louvado seja Jesus Cristo!]

R. [*Milele na Milele. Amina* (Agora e sempre. Amen)]

Muito obrigado pela vossa presença. Gostaria muito de vos falar em inglês, mas o meu inglês é pobre! Tomei nota e quero dizer-vos tantas coisas a todos vós, a cada um de vós, mas sinto-me inseguro se vo-las disser em inglês; prefiro falar na minha língua materna. Mons. Miles é o tradutor. Obrigado pela vossa compreensão.

Quando estava a ser lida a carta de São Paulo, impressionaram-me estas palavras: «É exactamente nisto que ponho a minha confiança: Aquele que em vós deu início a uma boa obra há-de levá-la ao fim, até ao dia de Cristo Jesus» (*Flp* 1, 6).

O Senhor escolheu-vos a todos; escolheu-nos a todos. E Ele deu início à sua obra no dia em que nos fixou no Baptismo e, depois, no dia em que nos fixou quando nos disse: «Se quiseres, vem comigo». Então pusemo-nos na fila [dos seus seguidores] e começámos o caminho. Mas o caminho foi Ele que o iniciou, não nós. Não fomos nós. No Evangelho, lemos que uma pessoa por Ele curada queria segui-Lo ao longo do caminho, mas Jesus disse-lhe: «Não». No seguimento de Jesus Cristo – tanto no sacerdócio como na vida consagrada – entra-se pela porta; e a porta é Cristo. Ele chama, Ele começa, Ele vai-nos trabalhando. Há alguns que querem entrar pela janela; mas isso não resulta. Por favor, se alguém vir que um companheiro ou uma companheira entrou pela janela, abraçai-o e explicai-lhe que é melhor ir embora e servir a Deus noutro lado, porque nunca chegará ao fim uma obra cujo início não foi dado por Jesus, por Ele mesmo, através da porta.

Isto há-de levar-nos à consciência de ser escolhidos: «Ele fixou-me, fui escolhido». Faz-me impressão o início do capítulo 16 de Ezequiel: «Eras filha de estrangeiros, uma recém-nascida abandonada; mas Eu passei, lavei-te e tomei-te comigo». Temos aqui o caminho, a obra que o Senhor começou, quando pousou o seu olhar sobre nós.

Há alguns que não sabem para que os chama Deus, mas sentem que Deus os chamou. Ficai tranquilos, Deus vos fará compreender para que vos chamou. Há outros que querem seguir o Senhor por conveniência, por interesse. Lembremos a mãe de Tiago e João: «Senhor, peço-te que, ao dividires o bolo, dês o pedaço maior aos meus filhos. Que um fique à tua direita, e o outro a tua esquerda». Esta é a tentação de seguir Jesus por ambição: a ambição do dinheiro, a ambição do poder. Talvez todos nós possamos dizer: «Quando comecei a seguir Jesus, isso nem sequer me passou pela cabeça». Mas a qualquer outro passou, e pouco a pouco foi-o semeando no teu coração como cizânia.

Na vida do seguimento de Jesus, não há lugar para ambições próprias, nem para riquezas, nem para ser uma pessoa importante no mundo. A Jesus segue-se até ao último passo da sua vida terrena: a Cruz. Depois Ele encarrega-Se de te ressuscitar, mas tu deves ir até lá. Isto que vos digo é sério, porque a Igreja não é uma empresa, não é uma ONG. A Igreja é um mistério: é o mistério do olhar de Jesus pousado sobre cada um, que lhe diz: «Segue-me».

Então, que fique claro: quem chama é Jesus; entra-se pela porta, não pela janela; e segue-se o caminho de Jesus.

Evidentemente, quando Jesus nos escolhe, não nos «canoniza»; continuamos a ser os mesmos pecadores. Pedir-vos-ia, por favor, que, se houvesse aqui algum sacerdote, alguma religiosa ou algum religioso que não se sinta pecador, levantasse a mão. Todos somos pecadores, a começar por mim e depois vós; mas animam-nos a continuar a ternura e o amor de Jesus.

«Aquele que deu início a uma boa obra, há-de levá-la ao fim». É isto que nos faz continuar: foi o amor de Jesus que a começou. Lembrais-vos de ler no Evangelho, quando o apóstolo Tiago chorou? Há algum de vós que se lembra ou não? Não! E quando chorou o apóstolo João? Não. E quando chorou um dos outros apóstolos? Apenas um – diz-nos o Evangelho – chorou: aquele que se deu conta de ser pecador. Era tão pecador que tinha renegado o seu Senhor e, quando se deu conta disso, chorou. Depois Jesus fê-lo Papa. A Jesus, quem O entende? É um mistério!

Nunca deixeis de chorar. Quando secam as lágrimas a um sacerdote, a um religioso ou a uma religiosa, algo está errado. Chorar pelas próprias infidelidades, chorar pelo sofrimento do mundo, chorar pelas pessoas que são descartadas, pelos velhinhos abandonados, pelas crianças assassinadas, pelas coisas que não entendemos; chorar quando nos perguntam «porquê?». Nenhum de nós tem todas as respostas para os «porquês».

Um autor russo questionava-se por que sofrem as crianças. E sempre que saúdo uma criança com um câncer, um tumor ou – como se diz – uma doença rara, pergunto-me: Por que sofre aquela criança. E não tenho resposta; limito-me a olhar para Jesus na cruz. Há situações na vida perante as quais só nos resta chorar, olhando para Jesus na cruz; e esta é a única resposta para certas injustiças, para certos sofrimentos, para certas situações da vida.

São Paulo dizia aos seus discípulos: «Lembrai-vos de Jesus Cristo; lembrai-vos de Jesus Cristo crucificado». Quando um consagrado, uma consagrada, um sacerdote se esquece de Cristo crucificado, ai dele porque caiu num pecado muito feio, um pecado que dá nojo a Deus, que O faz vomitar: o pecado da tibieza. Queridos sacerdotes, irmãs e irmãos, tende cuidado em não cair no pecado da tibieza.

Bem! Que mais vos posso dizer como mensagem que brote, para vós, do meu coração? Nunca vos afasteis de Jesus. Por outras palavras: nunca deixeis de rezar. «Mas, padre, às vezes é tão chato rezar; cansamo-nos, adormecemos!» Pois bem, dormi diante do Senhor: é uma maneira de rezar. Mas permanecei ali, diante d’Ele. Rezai! Não deixeis a oração!

Se um consagrado deixa a oração, a alma seca; seca como os figos secos, que são feios, têm um aspecto feio. A alma duma religiosa, dum religioso, dum sacerdote que não reza, é uma alma feia! Desculpai, mas é assim...

Deixo-vos esta pergunta: tiro tempo ao sono, tiro tempo ao rádio, à televisão, às revistas para rezar? Ou prefiro estas coisas? Portanto, coloquemo-nos diante d’Aquele que deu início à obra e que a está levando a termo em cada um de nós... A oração.

Queria dizer-vos uma última coisa (antes de vos dizer outra...): todos aqueles que se deixaram escolher por Jesus, foi para servir; para servir o povo de Deus, servir os mais pobres, os mais descartados, os mais humildes; para servir as crianças e os idosos; para servir também aquelas pessoas que não têm consciência do orgulho e do pecado em que vivem; para servir Jesus. Deixar-se escolher por Jesus é deixar-se escolher para servir e não para ser servido.

Há cerca de um ano, mais ou menos, houve um encontro de sacerdotes – neste caso, salvam-se as religiosas! – e cada dia, durante aquele Retiro, havia um grupo de sacerdotes que tinha de servir à mesa. Alguns deles lamentaram-se: «Não está certo! Devíamos ser servidos! Nós pagamos, podemos pagar para que nos sirvam». Por favor, que isto nunca aconteça na Igreja! Servir. Não servir-se dos outros, mas servir.

Isto é o que vos queria dizer, o que improvisamente senti quando ouvi aquela frase de São Paulo: «Aquele que em vós deu início a uma boa obra há-de levá-la ao fim, até ao dia de Cristo Jesus».

Dizia-me um cardeal – um cardeal idoso; na realidade, tinha apenas mais um ano que eu! – que, quando vai ao cemitério onde vê missionários, missionárias, sacerdotes, religiosos, religiosas que deram a sua vida, questiona-se: Por que não os canonizam já amanhã? Passaram a vida a servir! E eu próprio me sinto emocionado quando, depois duma Missa, saúdo um sacerdote, uma religiosa que me diz: «Há 30, 40 anos que estou neste hospital para crianças com autismo, que estou nas missões da Amazónia, que estou neste lugar ou naquele. Toca-me a alma! Esta mulher ou este homem compreendeu que seguir Jesus é servir os outros e não servir-se dos outros.

Bem, agradeço-vos imenso. Se o não fizesse, poderiam pensar: Que Papa mal-educado é este! Deu-nos conselhos, chegou-nos a roupa ao pêlo e nem um «obrigado» nos diz. Eu quero – é a última coisa que tenho para vos dizer, é a cereja no cimo do bolo – quero deveras agradecer-vos! Obrigado pela coragem que tendes em seguir Jesus. Obrigado por cada vez que vos sentis pecadores. Obrigado por cada toque de ternura que dais a quem dela precisa. Obrigado por todas as vezes que ajudastes as pessoas a morrerem em paz. Obrigado por queimarem a vida na esperança. Obrigado por vos deixardes ajudar, corrigir e perdoar todos os dias.

Ao mesmo tempo que vos agradeço, peço que não vos esqueçais de rezar por mim, porque preciso. Muito obrigado!

(*Palavras improvisadas, no final do encontro*)

Agradeço-vos este pedaço de tempo que passamos juntos, mas agora tenho que ir; e vou sair por esta porta, porque estão crianças doentes de câncer e quero vê-las e fazer-lhes uma carícia. A vós, o meu muito obrigado! Agradeço a vós todos, nomeadamente aos seminaristas que não nomeei mas estão incluídos em tudo o que eu disse; e, se algum já há tempo não se sente com ânimo para prosseguir neste caminho, então procure outra ocupação, case-se e forme uma boa família. Obrigado!

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**VISITA AO CENTRO DAS NAÇÕES UNIDAS EM NAIROBI (U.N.O.N.)**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Quénia  
Quinta-feira, 26 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/26/kenyaunon.html)**]**

Desejo agradecer o amável convite e as palavras de boas-vindas da Senhora Sahle-Work Zewde, Directora-Geral do Gabinete das Nações Unidas em Nairobi, bem como do Senhor Achim Steiner, Director Executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e do Senhor Joan Clos, Director Executivo da ONU-Hábitat. Aproveito esta oportunidade para saudar todos os funcionários e quantos colaboram com as instituições aqui presentes.

Quando me dirigia para esta sala, convidaram-me a plantar uma árvore no parque do Centro das Nações Unidas. De boa vontade aceitei cumprir este gesto simbólico e simples, cheio de significado em muitas culturas.

Plantar uma árvore é, em primeiro lugar, um convite a perseverar na luta contra fenómenos como a desflorestação e a desertificação. Lembra-nos a importância de proteger e administrar responsavelmente aqueles «pulmões do planeta repletos de biodiversidade [como bem podemos apreciar neste continente com] a bacia fluvial do Congo», lugares essenciais «para o conjunto do planeta e para o futuro da humanidade». Por isso, é sempre digna de apreço e encorajamento «a tarefa de organismos internacionais e organizações da sociedade civil que sensibilizam as populações e colaboram de forma crítica, inclusive utilizando legítimos mecanismos de pressão, para que cada governo cumpra o dever próprio e não-delegável de preservar o meio ambiente e os recursos naturais do seu país, sem se vender a espúrios interesses locais ou internacionais» ([*Laudato si’*, 38](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#38)).

Por outro lado, plantar uma árvore incita-nos a continuar confiando, esperando e sobretudo dando-nos as mãos para inverter todas as situações de injustiça e deterioração que sofremos hoje.

Dentro de poucos dias, começará em Paris uma reunião importante sobre as alterações climáticas, onde a comunidade internacional como tal se confrontará mais uma vez sobre esta problemática. Seria triste e – atrevo-me a dizer – até catastrófico se os interesses particulares prevalecessem sobre o bem comum e chegassem a manipular as informações para proteger os seus projectos.

Neste contexto internacional em que se põe o dilema – que não podemos ignorar – de melhorar ou destruir o meio ambiente, cada iniciativa, pequena ou grande, individual ou colectiva, tomada para cuidar da criação, indica o caminho seguro para aquela «criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano» ([*ibid.*, 211](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#211)).

«O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos. (…) As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo actualmente um dos principais desafios para a humanidade» ([*ibid.*, 23 e 25](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#23)), cuja resposta «deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos» ([*ibid.*, 93](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#93)). Pois «o abuso e a destruição do meio ambiente aparecem associados, simultaneamente, com um processo ininterrupto de exclusão» ([*Discurso à ONU*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html), 25 de Setembro de 2015).

A COP21 é um passo importante no processo de desenvolvimento dum novo sistema energético que dependa o mínimo possível dos combustíveis fósseis, busque a eficiência energética e se estruture sobre o uso de energia com baixo ou nulo conteúdo de carbono. Estamos perante o grande compromisso político e económico de reconsiderar e corrigir as falhas e distorções no modelo actual de desenvolvimento.

O Acordo de Paris pode dar um sinal claro nesta direcção, desde que se evite, como já tive ocasião de dizer diante da Assembleia Geral das Nações Unidas, «a tentação de cair num nominalismo declamatório com efeito tranquilizador sobre as consciências. Devemos ter cuidado com as nossas instituições para que sejam realmente eficazes» [(*ibidem*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html)). Por isso, espero que a COP21 leve à conclusão dum acordo global e «transformador», baseado nos princípios de solidariedade, justiça, equidade e participação, e vise a consecução de três objectivos complexos e, ao mesmo tempo, interdependentes: a redução do impacto das alterações climáticas, a luta contra a pobreza e o respeito pela dignidade humana.

Apesar de tantas dificuldades, vai-se afirmando a «tendência de conceber o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum» ([*Laudato si’*, 164](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#164)). Nenhum país «pode actuar à margem duma responsabilidade comum. Se queremos realmente uma mudança positiva, devemos aceitar humildemente a nossa interdependência, isto é, a nossa sã interdependência» ([*Discurso aos movimentos populares*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html), 9 de Julho de 2015). O problema surge quando pensamos que a interdependência é sinónimo de imposição ou submissão de uns em função dos interesses dos outros. Do mais fraco em função do mais forte.

É necessário um diálogo sincero e franco, com a colaboração responsável de todos: autoridades políticas, comunidade científica, empresas e sociedade civil. Não faltam exemplos positivos que nos mostram como uma verdadeira colaboração entre a política, a ciência e a economia é capaz de obter importantes resultados.

Estamos cientes, porém, de que «os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se» ([*Laudato si’*, 205](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#205)). Esta tomada de consciência profunda leva-nos a esperar que, se a humanidade do período pós-industrial poderia ser recordada como uma das mais irresponsáveis da história, «a humanidade dos inícios do século XXI [seja] lembrada por ter assumido com generosidade as suas graves responsabilidades» ([*ibid.*, 165](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#165)). Para isso é necessário colocar a economia e a política ao serviço de povoações onde o «ser humano, em harmonia com a natureza, estrutura todo o sistema de produção e distribuição de tal modo que as capacidades e necessidades de cada um encontrem um apoio adequado no ser social» ([*Discurso aos movimentos populares*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html), 9 de Julho de 2015). Não se trata duma utopia fantasista, antes pelo contrário é uma perspectiva realista que coloca a pessoa e a sua dignidade como ponto de partida e para a qual tudo deve confluir.

A mudança de rumo que precisamos não é possível realizá-la sem um compromisso substancial para com a educação e a formação. Nada será possível, se as soluções políticas e técnicas não forem acompanhadas por um processo educativo que promova novos estilos de vida. Um novo estilo cultural. Isto requer uma formação destinada a fazer crescer em meninos e meninas, mulheres e homens, jovens e adultos a adopção duma cultura do cuidado (cuidado de si próprio, cuidado do outro, cuidado do meio ambiente) em vez da cultura da degradação e do descarte (descarte de si mesmo, do outro, do meio ambiente). A promoção da «consciência duma origem comum, duma recíproca pertença e dum futuro partilhado por todos [permitir-nos-á] o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. [É] um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração» ([*Laudato si’*, 202](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#202)), que estamos a tempo de impulsionar.

Muitos são os rostos, as histórias, as consequências evidentes em milhares de pessoas que a cultura da degradação e do descarte levou a sacrificar aos ídolos do lucro e do consumo. Devemos ter cuidado com um sinal triste da «globalização da indiferença»: habituarmo-nos lentamente ao sofrimento dos outros, como se fosse uma coisa normal (cf. [*Mensagem para o Dia Mundial da Alimentação*](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20131016_messaggio-giornata-alimentazione.html), 16 de Outubro de 2013), ou, pior ainda, resignarmo-nos perante formas extremas e escandalosas de «descarte» e de exclusão social, como são as novas formas de escravidão, o tráfico de pessoas, o trabalho forçado, a prostituição, o tráfico de órgãos. «É trágico o aumento de emigrantes em fuga da miséria agravada pela degradação ambiental, que, não sendo reconhecidos como refugiados nas convenções internacionais, carregam o peso da sua vida abandonada sem qualquer tutela normativa» ([*Laudato si’*, 25](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#25)). São muitas vidas, muitas histórias, muitos sonhos que naufragam nos nossos dias. Não podemos ficar indiferentes perante isto. Não temos o direito.

Há tempos que, a par da degradação do ambiente, temos sido testemunhas dum rápido processo de urbanização que com frequência, infelizmente, leva a um «crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades que se tornaram pouco saudáveis (…) e que não funcionam» ([*ibid.*, 44](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#44)). E constituem também lugares onde se difundem preocupantes sintomas duma trágica ruptura dos vínculos de integração e comunhão social, que leva ao «aumento da violência e [ao] aparecimento de novas formas de agressividade social, [ao] narcotráfico e [ao] consumo crescente de drogas entre os mais jovens, [à] perda de identidade» ([*ibid.*, 46](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#46)), ao desenraizamento e ao anonimato social (cf. [*ibid.*, 149](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#149)).

Quero manifestar o meu encorajamento a quantos trabalham, a nível local e internacional, por garantir que o processo de urbanização se torne um instrumento eficaz para o desenvolvimento e a integração, a fim de assegurar a todos, especialmente às pessoas que vivem em bairros marginalizados, condições de vida dignas, garantindo os direitos básicos à terra, ao tecto e ao trabalho. É preciso promover iniciativas de planificação urbana e cuidado dos espaços públicos, que apontem nesta direcção e prevejam a participação dos moradores locais, procurando contrariar as numerosas disparidades e as áreas de pobreza urbana, não só económicas mas também e sobretudo sociais e ambientais. A próxima Conferência Habitat-III, prevista em Quito no mês de Outubro de 2016, poderia ser um momento importante para identificar formas de responder a estas problemáticas.

Dentro de poucos dias, esta cidade de Nairobi acolherá a X Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio. Em 1967 o meu predecessor Paulo VI, face a um mundo cada vez mais interdependente e antecipando-se de alguns anos à presente realidade da globalização, reflectiu sobre o modo como as relações comerciais entre os Estados poderiam ser um elemento fundamental para o desenvolvimento dos povos ou, pelo contrário, causa de miséria e exclusão (cf. [*Populorum progressio*](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html), 56-62). Embora reconhecendo que muito se tem trabalhado neste sector, parece todavia que ainda não se chegou a um sistema de comércio internacional equitativo e totalmente ao serviço da luta contra a pobreza e a exclusão. As relações comerciais entre os Estados, parte essencial das relações entre os povos, podem servir tanto para danificar o ambiente como para o recuperar e preservar para as gerações futuras.

Espero que as decisões da próxima Conferência de Nairobi não sejam um mero equilíbrio de interesses contrapostos, mas um verdadeiro serviço ao cuidado da casa comum e ao desenvolvimento integral das pessoas, sobretudo das mais abandonadas. Em particular, quero associar-me às preocupações de tantas realidades empenhadas na cooperação para o desenvolvimento e na assistência sanitária – incluindo as congregações religiosas que dão assistência aos mais pobres e excluídos –, a respeito dos acordos sobre a propriedade intelectual e o acesso aos medicamentos e à assistência sanitária de base. Os tratados de livre comércio regionais sobre a protecção da propriedade intelectual, particularmente no sector farmacêutico e das biotecnologias, não só não devem limitar os poderes já concedidos aos Estados pelos acordos multilaterais, mas, antes, deveriam ser um instrumento para garantir um mínimo de atenção sanitária e de acesso aos tratamentos essenciais para todos. Os debates multilaterais devem, por sua vez, dar aos países mais pobres o tempo, a elasticidade e as excepções necessárias para uma adequação ordenada e não traumática às normas comerciais. A interdependência e a integração das economias não devem comportar o mínimo dano aos sistemas sanitários e de protecção social existentes; pelo contrário, devem favorecer a sua criação e funcionamento. Alguns temas sanitários, como a eliminação da malária e da tuberculose, a cura das chamadas doenças «órfãs» e os sectores desfavorecidos da medicina tropical reclamam uma atenção política primária, acima de qualquer outro interesse comercial ou político.

A África oferece ao mundo uma beleza e uma riqueza natural que nos levam a louvar o Criador. Este património africano e de toda a humanidade enfrenta um risco constante de destruição, causado por egoísmos humanos de todos os tipos e pelo abuso de situações de pobreza e exclusão. Ao nível das relações económicas entre os Estados e os povos, não se pode deixar de falar dos tráficos ilegais que crescem num contexto de pobreza e que, por sua vez, alimentam a pobreza e a exclusão. O comércio ilegal de diamantes e pedras preciosas, de metais raros ou de alto valor estratégico, de madeiras e material biológico, e de produtos animais, como no caso do tráfico de marfim e o consequente extermínio de elefantes, alimenta a instabilidade política, a criminalidade organizada e o terrorismo. Também esta situação é um grito dos homens e da terra que deve ser escutado pela comunidade internacional.

Na minha recente visita à sede da ONU em Nova Iorque, formulei o desejo e a esperança de que a obra das Nações Unidas e de todos os processos multilaterais possa ser «penhor dum futuro seguro e feliz para as gerações futuras. Sê-lo-á se os representantes dos Estados souberem pôr de lado interesses sectoriais e ideologias e procurarem sinceramente o serviço do bem comum» ([*Discurso à ONU*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150925_onu-visita.html), 25 de Setembro de 2015).

Asseguro uma vez mais o apoio da Comunidade Católica e o meu de continuar a rezar e colaborar para que os frutos da cooperação regional, que se expressam hoje na União Africana e nos múltiplos acordos africanos de comércio, cooperação e desenvolvimento, sejam vividos com vigor e tendo sempre em conta o bem comum dos filhos desta terra.

A bênção do Altíssimo esteja com todos e cada um de vós e dos vossos povos. Obrigado.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**VISITA AO BAIRRO POBRE DE  KANGEMI**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Nairobi (Quénia)  
Sexta-feira, 27 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/27/kenyakangemi.html)**]**

Obrigado por me terdes acolhido no vosso bairro. Obrigado ao Senhor Arcebispo Kivuva e ao Padre Pascal pelas suas palavras. Na realidade, sinto-me em casa partilhando este momento com irmãos e irmãs que ocupam – não tenho vergonha de o dizer – um lugar especial na minha vida e nas minhas opções. Estou aqui, porque quero que saibais que as vossas alegrias e esperanças, as vossas angústias e sofrimentos não me são indiferentes. Conheço as dificuldades que enfrentais dia a dia! Como não denunciar as injustiças que sofreis?

Antes de mais nada, queria deter-me num aspecto que os discursos de exclusão não conseguem reconhecer ou parecem ignorar. Refiro-me à *sabedoria dos bairros populares*. Uma sabedoria que brota da «obstinada resistência daquilo que é autêntico» ([*Laudato si’*, 112](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#112)), de valores evangélicos que a sociedade opulenta, entorpecida pelo consumo desenfreado, parecia ter esquecido. Vós sois capazes de «tecer laços de pertença e convivência que transformam a superlotação numa experiência comunitária, onde se derrubam os muros do eu e superam as barreiras do egoísmo» ([*ibid.*, 149](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#149)).

A cultura dos bairros populares, permeada por esta sabedoria particular, «tem características muito positivas, que são uma contribuição para o tempo em que vivemos, exprime-se em valores como a solidariedade, dar a vida pelo outro, preferir o nascimento à morte, dar sepultura cristã aos seus mortos; oferecer um lugar para os doentes na própria casa, partilhar o pão com o faminto: “onde comem 10, comem 12”; a paciência e a fortaleza nas grandes adversidades, etc» (Equipa de Sacerdotes para as «Villas de Emergência»  (Argentina), *Reflexiones sobre la urbanización y la cultura villera*, 2010). Valores baseados nisto: cada ser humano é mais importante do que o deus dinheiro. Obrigado por nos lembrardes que há outro tipo de cultura possível.

Queria começar por reivindicar estes valores que vós praticais, valores que não aparecem cotados na Bolsa, valores que não são objecto de especulação nem têm preço de mercado. Congratulo-me convosco, acompanho-vos e quero que saibais que o Senhor nunca Se esquece de vós. O caminho de Jesus começou na periferia, vai *dos* pobres e *com* os pobres para todos.

Reconhecer estas manifestações de vida boa que crescem diariamente entre vós não significa, de forma alguma, ignorar a terrível injustiça da marginalização urbana. São as feridas provocadas pelas minorias que concentram o poder, a riqueza e esbanjam egoisticamente enquanto a crescente maioria deve refugiar-se em periferias abandonadas, contaminadas, descartadas.

Isto agrava-se quando se vê a injusta distribuição do terreno (talvez não neste bairro, mas noutros) que, em muitos casos, leva famílias inteiras a pagarem aluguéis abusivos por habitações em condições imobiliárias completamente inadequadas. Sei também do grave problema da sonegação de terras por «empresários privados» sem rosto, que pretendem apropriar-se até do pátio da escola dos próprios filhos. Sucede isto porque se esquece que «Deus deu a terra a todo o género humano, para que ela sustente todos os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém» (João Paulo II, [*Centesimus annus*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html), 31).

Nesta linha, um grave problema é *a falta de acesso às infra-estruturas e serviços básicos*. Refiro-me a balneários, fossas, esgotos, recolha de lixo, energia eléctrica, estradas, mas também escolas, hospitais, centros recreativos e desportivos, ateliês artísticos. Mas de modo particular refiro-me à água potável. «O acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos. Este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto é negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável» ([*Laudato si’*, 30](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#30)). Negar a água a uma família, sob qualquer pretexto burocrático, é uma grande injustiça, sobretudo quando se lucra com essa necessidade.

Este contexto de indiferença e hostilidade, de que sofrem os bairros populares, agrava-se quando a violência se espalha e as organizações criminosas, ao serviço de interesses económicos ou políticos, utilizam crianças e jovens como «carne de canhão» para os seus negócios ensanguentados. Conheço também os sofrimentos das mulheres que *lutam heroicamente* para proteger os seus filhos e filhas destes perigos. Peço a Deus que as autoridades assumam juntamente convosco o caminho da inclusão social, da educação, do desporto, da acção comunitária e da tutela das famílias, porque esta é a única garantia duma paz justa, verdadeira e duradoura.

Estas realidades, que enumerei, não são uma combinação casual de problemas isolados. São, antes, uma consequência de novas formas de colonialismo que pretendem que os países africanos sejam «peças de um mecanismo, partes de uma engrenagem gigantesca» (João Paulo II, [*Ecclesia in Africa*](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa.html), 52). Na realidade, não faltam pressões para que se adoptem políticas de descarte, como a da redução da natalidade que pretende «legitimar o modelo distributivo actual, no qual uma minoria se julga com o direito de consumir numa proporção que seria impossível generalizar» ([*Laudato si’*, 50](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html#50)).

Neste sentido, proponho que se retome a ideia duma *respeitosa integração urbana*. Nem erradicação nem paternalismo, nem indiferença nem mero confinamento. Precisamos de cidades integradas e para todos. Precisamos de ir além da mera proclamação de direitos que, na prática, não são respeitados, e promover acções sistemáticas que melhorem o habitat popular e projectar novas urbanizações de qualidade para acolher as futuras gerações. A dívida social, a dívida ambiental para com os pobres das cidades paga-se tornando efectivo o direito sagrado dos «três T»: terra, tecto e trabalho. Isto não é filantropia, é um dever moral de todos.

Quero apelar a todos os cristãos, especialmente aos Pastores, para que renovem o impulso missionário, tomem iniciativa contra tantas injustiças, envolvam-se nos problemas dos vizinhos, acompanhem-nos nas suas lutas, salvaguardem os frutos do seu trabalho comunitário e celebrem juntos cada vitória pequena ou grande. Sei que já fazeis muito, mas peço-vos para recordardes que não é uma tarefa mais, mas é talvez a mais importante, porque «os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho» (Bento XVI, [*Encontro com o Episcopado Brasileiro*](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070511_bishops-brazil.html), Catedral de São Paulo/Brasil, 11 de Maio de 2007, 3).

Queridos vizinhos, queridos irmãos! Rezemos, trabalhemos, comprometamo-nos juntos para que cada família tenha um tecto digno, tenha acesso a água potável, tenha um banheiro, tenha energia segura para iluminar, cozinhar e melhorar as suas casas... para que todo o bairro tenha estradas, praças, escolas, hospitais, espaços desportivos, recreativos e artísticos; para que os serviços básicos cheguem a cada um de vós; para que sejam ouvidas as vossas reclamações e o vosso grito por melhores oportunidades; para que todos possais gozar da paz e segurança que mereceis de acordo com a vossa dignidade humana infinita.

*Mungu awabariki*     [Deus vos abençoe].

E peço, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM OS JOVENS**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Estádio Kasarani, Nairobi (Quénia)  
Sexta-feira, 27 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/27/kenyagiovani.html)**]**

Muito obrigado pelo terço que rezastes por mim. Obrigado, muito obrigado!

Obrigado pela vossa presença, pela vossa entusiasta presença aqui! Obrigado, Linette e Manuel, pelas vossas reflexões.

Há uma pergunta que está na base de todas as perguntas que me fizeram Linette e Manuel: «Porque acontecem as divisões, as lutas, a guerra, a morte, o fanatismo, a destruição entre os jovens? Porque há este desejo de nos autodestruirmos? Nas primeiras páginas da Bíblia, depois de todas as maravilhas que Deus fez, um irmão mata o seu próprio irmão. O espírito do mal leva-nos à destruição; o espírito do mal leva-nos à desunião, leva-nos ao tribalismo, à corrupção, à dependência da droga... Leva-nos à destruição através do fanatismo.

Manuel perguntava-me: «Que fazer para que um fanatismo ideológico não nos roube um irmão, não nos roube um amigo?» Há uma palavra que pode parecer incómoda, mas não a quero evitar, porque vós a usastes antes de mim: usaste-la quando me trouxestes os terços, contando os terços que rezastes por mim; usou-a também o Bispo, quando vos apresentou, dizendo que vos preparastes para esta visita com a *oração*. A primeira coisa que eu diria é que um homem perde o melhor do seu ser humano, uma mulher perde o melhor da sua humanidade, quando se esquece de rezar, porque se sente omnipotente, porque não sente necessidade de pedir ajuda ao Senhor à vista de tantas tragédias.

A vida está cheia de dificuldades, mas há duas maneiras de olhar as dificuldades: ou se olham como algo que te bloca, que te destrói, que te paralisa, ou se olham como uma oportunidade real. A escolha depende de vós: para mim, uma dificuldade é caminho de destruição ou oportunidade para superar a minha situação, a da minha família, da minha comunidade, do meu país?

Moços e moças, não vivemos no céu; vivemos na terra. E a terra está cheia de dificuldades. A terra está cheia não só de dificuldades, mas também de atractivos para o mal. Mas há algo que todos vós, jovens, tendes e que dura por um certo tempo, um período mais ou menos longo: a capacidade de escolher qual caminho quero seguir, qual destas duas coisas quero escolher: deixar-me vencer pela dificuldade ou transformar a dificuldade numa oportunidade, para que a vencer seja eu?

Algumas das dificuldades que mencionastes são verdadeiros desafios. Assim, primeiro, impõe-se uma pergunta: quereis superar estes desafios ou deixar-vos vencer pelos desafios? Quereis ser como os atletas que, quando vêm jogar aqui no estádio, querem ganhar, ou como aqueles que já venderam a vitória aos outros e meteram o dinheiro ao bolso? A escolha é vossa!

Um desafio que mencionou Linette é o do *tribalismo*. O tribalismo destrói uma nação; o tribalismo significa ter as mãos escondidas atrás das costas com uma pedra em cada uma delas para jogá-la contra o outro. O tribalismo só se vence com o *ouvido*, com o *coração* e com a *mão*. Com o ouvido, escutando: Qual é a tua cultura? Porque és assim? Porque tem a tua tribo este hábito, este costume? A tua tribo sente-se superior ou inferior? Com o coração: depois de ter escutado a resposta com os ouvidos, abro o meu coração; e, depois, estendo a mão para continuar o diálogo. Se não dialogardes entre vós e não vos ouvirdes, então haverá sempre o tribalismo, que é como um verme que corrói a sociedade. O dia de ontem – para vós, fazemo-lo hoje – foi declarado dia de oração e de reconciliação. Agora quero convidar a todos vós, jovens – à Linette e ao Manuel para virem aqui – a darmo-nos as mãos uns aos outros; pomo-nos de pé e damo-nos as mãos como sinal contra o tribalismo. Todos formamos uma única nação! Somos, todos, uma única nação! Assim deve ser o nosso coração. Para superar o tribalismo não basta levantar a mão hoje; isto é o desejo, é a decisão. Mas superar o tribalismo é um trabalho de todos os dias. Vencer o tribalismo é um trabalho de todos os dias; é um trabalho do ouvido: escutar o outro; um trabalho do coração: abrir o coração ao outro; um trabalho da mão: dar-se as mãos uns aos outros... E agora demo-nos as mãos uns aos outros.... «Não ao tribalismo!»

Sentai-vos!

Outra pergunta que fez Linette é sobre a *corrupção*. No fundo, perguntava-me: «Pode-se justificar a corrupção simplesmente com o facto de que todos estão a pecar, que todos são corruptos? Como podemos ser cristãos e combater o mal da corrupção?»

Lembro-me que, na minha pátria, um jovem de 20-22 anos queria dedicar-se à política; estudava, estava cheio de entusiasmo, sempre em movimento dum lado para o outro... Encontrou trabalho num Ministério. Um dia teve de decidir a propósito duma compra que era preciso fazer; então pediu três preventivos, estudou-os e escolheu o mais económico. Depois foi ao escritório do chefe para que o assinasse. «Porque escolheste este?» – «Porque é preciso escolher o mais conveniente para as finanças do país». – «Não, e não! É preciso escolher aquele que mais te enche os bolsos» – disse. Então o jovem respondeu ao chefe: «Eu vim fazer política para ajudar a pátria, para fazê-la crescer». E o chefe respondeu-lhe: «E eu faço política para roubar». Isto é apenas um exemplo; e não acontece apenas na política, mas em todas as instituições, incluindo o Vaticano, há casos de corrupção. A corrupção é algo que penetra dentro. É como o açúcar: é doce, gostamos, é fácil... e depois? Acabamos mal. Temos um fim desastrado. Com tanto açúcar fácil, acabamos diabéticos e também o nosso país se torna diabético.

Sempre que aceitamos uma «nota por baixo da mesa», um suborno, sempre que aceitamos uma «nota por baixo da mesa» e a metemos ao bolso, destruímos o nosso coração, destruímos a nossa personalidade e destruímos a nossa pátria. Por favor, não ganheis gosto a este «açúcar» que se chama corrupção. «Mas, Padre, eu vejo muitos que são corruptos, vejo tantas pessoas que se vendem por um punhado de dinheiro, sem se preocuparem com a vida dos outros». Como em todas as coisas, é preciso começar: se não queres a corrupção no teu coração, na tua vida, na tua pátria, começa tu… agora! Se não começas tu, também o teu vizinho não começará. A corrupção rouba-nos também a alegria, rouba-nos a paz. A pessoa corrupta não vive em paz.

Uma vez (isto que vos conto, é um facto histórico), na minha cidade, morreu um homem. Todos sabiam que era um grande corrupto. Então, alguns dias depois, perguntei: Como foi o funeral? E uma senhora, que tinha um grande sentido de humor, respondeu-me: «Padre, não conseguiam fechar o caixão, a urna, porque ele queria levar todo o dinheiro que roubara». Aquilo que roubais com a corrupção, ficará aqui e qualquer outro se aproveitará dele. Mas ficará também – tenhamo-lo bem em mente – no coração de tantos homens e mulheres que foram feridos pelo teu exemplo de corrupção. Ficará na falta de bem que poderias ter feito e não fizeste. Ficará nos adolescentes doentes, esfomeados, porque o dinheiro que era para eles, por causa da tua corrupção, gozaste-lo tu. Moços e moças, a corrupção não é um caminho de vida; é um caminho de morte.

Havia depois uma pergunta sobre o modo *como usar os meios de comunicação* para difundir a mensagem de esperança de Cristo e promover iniciativas justas para que se veja a diferença. O primeiro meio de comunicação é a palavra, é o gesto, é o sorriso. O primeiro gesto de comunicação é a proximidade. O primeiro gesto de comunicação é procurar a amizade. Se falardes bem entre vós, se sorrirdes uns para os outros, se vos aproximardes como irmãos; se vos aproximardes uns dos outros, mesmo pertencendo a tribos diferentes; se vos aproximardes de quem precisa, daqueles que são pobres, dos abandonados, dos idosos que ninguém visita, se estiverdes perto deles, estes gestos de comunicação são mais contagiosos do que qualquer rede de televisão.

Repassando todas estas perguntas, espero ter-vos dito algo que vos possa ajudar. Mas rezai muito a Jesus, suplicai ao Senhor que vos dê a força para destruir o tribalismo, para serdes todos irmãos; que vos dê a coragem para não vos deixardes corromper, que vos dê o desejo de poderdes comunicar entre vós como irmãos, com um sorriso, com uma palavra amável, com um gesto de ajuda e com a proximidade.

Também o Manuel fez perguntas incisivas no seu testemunho. Preocupa-me a primeira coisa que disse: «Que podemos fazer para impedir o *recrutamento* dos nossos entes queridos? Que podemos fazer para conseguir que regressem? Para responder a isto, devemos saber por que motivo um jovem, cheio de esperanças, se deixe recrutar ou se ofereça para ser recrutado. Afasta-se da sua família, dos seus amigos, da sua tribo, da sua pátria; afasta-se da vida, porque aprende a matar... Esta é uma pergunta que deveis pôr a todas as autoridades. Se um jovem, um moço ou uma moça, um homem ou uma mulher não têm emprego, não conseguem estudar, que podem fazer? Podem fazer-se delinquentes, cair numa forma de dependência, suicidar-se (na Europa, não se publicam as estatísticas de suicídios), ou arrolar-se numa actividade que lhes dê um objectivo na vida…, enganando-se.

A primeira coisa que devemos fazer para evitar que um jovem seja recrutado ou procure fazer-se recrutar é proporcionar-lhe *instrução e trabalho*. Se um jovem não tem trabalho, que futuro o espera? Daí provém a ideia de se deixar recrutar. Se um jovem não tem possibilidades de receber uma educação, mesmo uma educação de emergência, de pequenos encargos, que pode fazer? Aqui está o perigo! É um perigo social, que nos ultrapassa, que ultrapassa o próprio país, porque depende dum sistema internacional que é injusto, que não coloca a pessoa no centro da economia, mas o deus dinheiro. E que posso fazer para o ajudar ou trazê-lo de volta? Antes de mais nada, rezar; mas com força! Deus é mais forte que qualquer campanha de recrutamento. E depois? Falai-lhe com afecto, com ternura, com amor e com paciência. Convidai-o para ver um jogo de futebol, convidai-o para dar um passeio, convidai-o para estar junto no grupo. Não o deixeis sozinho. Isto é o que agora me vem à mente.

Com certeza há comportamentos – é a tua segunda pergunta – que prejudicam, comportamentos em que se procuram felicidades passageiras, que acabam depois por vos prejudicar. A pergunta que me fizeste, Manuel, é uma pergunta digna de um professor de teologia: «Como podemos compreender que Deus é nosso Pai? Como podemos *ver a mão de Deus nas tragédias da vida*? Como podemos encontrar a paz de Deus?» Esta pergunta, põem-na, duma forma ou doutra, os homens e mulheres de todo o mundo. E não encontram uma razão. Há perguntas a que, por mais que nos esforcemos em responder, não se consegue encontrar uma resposta. «Como posso ver a mão de Deus numa tragédia da vida?» Haverá ao menos uma resposta? Não, não há resposta. Só há uma estrada: *olhar para o Filho de Deus*. Deus entregou-O para nos salvar a todos. O próprio Deus fez-Se tragédia. O próprio Deus deixou-Se destruir na cruz. E, quando vier um momento incompreensível, quando estiverdes desesperados, quando o mundo vos cair em cima, *olhai para a Cruz*! Ali há o falimento de Deus; ali há a destruição de Deus. Mas ali há também um desafio à nossa fé: a esperança. Porque a história não acabou naquele falimento: houve a *Ressurreição* que nos renovou a todos.

Tenho uma confidência a fazer-vos… (Tendes fome? É meio-dia? Não...) Então vou fazer-vos uma confidência. No bolso, trago sempre duas coisas [*tira-as para fora do bolso e mostra-as*]: um terço, um terço para rezar; e outra coisa, que parece estranha... Que é isto? É a história do falimento de Deus, é uma Via-Sacra, uma pequena Via-Sacra [*mostra uma caixa que se abre e contém pequenas imagens*]: como Jesus sofreu desde quando foi condenado à morte até que foi sepultado... E, com estas duas coisas, procuro fazer o melhor que posso. Mas, graças a estas duas coisas, não perco a esperança.

Uma última pergunta do «teólogo» Manuel: «Que diria aos jovens que *não experimentaram o amor nas suas famílias*? É possível sair desta experiência?» Por todo o lado há adolescentes abandonados, ou porque foram abandonados ao nascer ou porque, na vida, os abandonaram a família, os pais, não sentindo o carinho da família. Por isso é tão importante a família. Defendei a família. Defendei-a sempre. Por todo o lado há não apenas crianças abandonadas, mas também idosos abandonados, que se encontram sem ninguém que os visite, sem ninguém que lhes queira bem. Como se pode sair desta experiência negativa de abandono, de falta de amor? Existe apenas um remédio para sair destas experiências: dar aquilo que eu não recebi. Se não recebestes compreensão, sede compreensivos com os outros; se não recebestes amor, amai os outros; se sentistes a tristeza da solidão, aproximai-vos daqueles que estão sozinhos. A carne cura-se com a carne! E Deus fez-Se carne para nos curar. Façamos também nós o mesmo com os outros.

Bem, creio que sejam horas de concluir, antes que o árbitro apite o fim. DE coração vos agradeço por terdes vindo, por me terdes permitido falar na minha língua materna... Agradeço-vos por terdes rezado tantos terços por mim. E, por favor, peço que rezeis por mim, porque também eu preciso… e muito! E antes de partirmos, peço-vos para os levantardes todos e rezarmos juntos ao nosso Pai do Céu, que tem apenas um defeito: não pode deixar de ser Pai! [*recitação do Pai Nosso e a Bênção*].

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM AS AUTORIDADES E O CORPO DIPLOMÁTICO**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Sala de Conferências do Palácio Presidencial, Entebe (Uganda)  
Sexta-feira, 27 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/27/ugandaautorita.html)**]**

*Senhor Presidente,  
Ilustres membros do Governo,  
Distintos membros do Corpo Diplomático,  
Amados Irmãos Bispos,  
Senhoras e Senhores!*

Obrigado pela vossa amável recepção! Estou feliz por me encontrar no Uganda. A minha visita ao vosso país tem como objectivo principal comemorar o cinquentenário da canonização dos Mártires do Uganda pelo meu predecessor, o [Papa Paulo VI](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt.html). Mas espero que a minha presença seja vista também como um sinal de amizade, estima e encorajamento para todos os habitantes desta grande nação.

Os Mártires, tanto católicos como anglicanos, são verdadeiros heróis nacionais. Dão testemunho dos princípios orientadores expressos no lema do Uganda: *Por Deus e pelo meu País*. Lembram-nos a importância que a fé, a rectidão moral e o serviço ao bem comum desempenharam e continuam a desempenhar na vida cultural, económica e política do país. Recordam-nos também que, apesar das nossas crenças religiosas e convicções diferentes, somos todos chamados a procurar a verdade, a trabalhar pela justiça e a reconciliação, e a respeitar-nos, proteger-nos e ajudar-nos uns aos outros como membros da única família humana. Estes altos ideais são pedidos particularmente a homens e mulheres como vós que tendes o dever de assegurar com critérios de transparência um bom governo, um desenvolvimento humano integral, uma ampla participação na vida pública da nação e também uma sábia e justa distribuição dos recursos que o Criador derramou tão abundantemente sobre estas terras.

A minha visita visa ainda chamar a atenção para a África no seu conjunto, para a promessa que representa, as suas esperanças, as suas lutas e as suas conquistas. O mundo olha para a África como o continente da esperança. O Uganda foi realmente abençoado por Deus com abundantes recursos naturais, que sois chamados a administrar como guardiões responsáveis. Mas a nação foi abençoada sobretudo no seu povo: através das suas famílias sólidas, da sua juventude e dos seus idosos. Anseio pelo meu encontro de amanhã com os jovens, a quem dirigirei palavras de encorajamento e estímulo. Como é importante que lhes sejam oferecidas a esperança, a oportunidade de receber uma instrução adequada e um trabalho remunerado e sobretudo a oportunidade de participar plenamente na vida da sociedade! Quero assinalar também a bênção que recebeis através dos idosos. São a memória viva de cada povo. A sua sabedoria e experiência deveriam ser sempre valorizadas como uma bússola capaz de permitir que a sociedade encontre a orientação certa para enfrentar os desafios do presente com integridade, sabedoria e clarividência.

Aqui na África Oriental, o Uganda demonstrou um empenhamento excepcional na recepção dos refugiados, permitindo-lhes reconstruir as suas vidas em segurança e experimentar a dignidade que provém de ganhar a própria subsistência com um trabalho honesto. O nosso mundo, imerso em guerras, violência e várias formas de injustiça, é testemunha dum movimento migratório de povos sem precedentes. O modo como enfrentamos este fenómeno é um teste da nossa humanidade, do nosso respeito pela dignidade humana e, acima de tudo, da nossa solidariedade para com os irmãos e irmãs necessitados.

Embora a minha visita seja breve, espero poder encorajar os múltiplos esforços silenciosos realizados para assistir os pobres, os doentes e as pessoas a braços com qualquer outro tipo de dificuldade. É através destes pequenos sinais que podemos ver a verdadeira alma dum povo. De muitas maneiras, o nosso mundo vai-se tornando mais solidário; ao mesmo tempo, porém, assistimos com preocupação à globalização duma «cultura do descarte», que nos torna cegos aos valores espirituais, endurece os nossos corações à vista das necessidades dos pobres e priva os nossos jovens da esperança.

Ansioso por poder encontrar-me e passar este tempo convosco, rezo para que vós, e todo o amado povo do Uganda, estejais sempre à altura dos valores que moldaram a alma da vossa nação. Sobre todos vós, invoco a abundância das bênçãos do Senhor.

*Mungu awabariki!*    [Deus vos abençoe!]

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**VISITA A MUNYONYO E SAUDAÇÃO AOS CATEQUISTAS E PROFESSORES**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Kampala, Munyonyo (Uganda)  
Sexta-feira, 27 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/27/ugandacatechisti.html)**]**

*Queridos catequistas e professores,  
Queridos amigos!*

Com afecto, vos saúdo a todos em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor e Mestre.

«Mestre»: como é belo este título! O nosso primeiro e maior mestre é Jesus. Diz-nos São Paulo que Jesus deu à sua Igreja não só apóstolos e pastores, mas também mestres, para edificar o Corpo inteiro na fé e no amor. Juntamente com os bispos, os presbíteros e os diáconos, que foram ordenados para pregar o Evangelho e cuidar do rebanho do Senhor, vós, como catequistas, tendes parte relevante na missão de levar a Boa Nova a todas as aldeias e lugares do vosso país. Fostes escolhidos para ter o ministério da catequese.

Quero, antes de mais nada, agradecer-vos pelos sacrifícios que fazeis, vós e as vossas famílias, e pelo zelo e devoção com que realizais a vossa importante tarefa. Ensinais o que Jesus ensinou, instruís os adultos e ajudais os pais a fazer crescer os seus filhos na fé e, a todos, levais a alegria e a esperança da vida eterna. Obrigado, obrigado pela vossa dedicação, pelo exemplo que dais, pela proximidade ao povo de Deus na vida quotidiana e pelos mais variados modos como plantais e cultivais as sementes da fé em todo este vasto território. Obrigado especialmente por ensinardes as crianças e os jovens a rezar. Porque isso é muito importante: é um nobre trabalho ensinar as crianças a rezar.

Sei que o vosso trabalho, embora gratificante, não é fácil. Por isso vos encorajo a perseverar, pedindo aos vossos bispos e sacerdotes que vos ajudem com uma formação doutrinal, espiritual e pastoral capaz de vos tornar mais eficazes na vossa acção. Mesmo quando a tarefa se apresenta gravosa, os recursos pouquíssimos e os obstáculos enormes, far-vos-á bem lembrar que o vosso é um trabalho santo. E quero sublinhá-lo: o vosso é um trabalho santo. O Espírito Santo está presente onde o nome de Cristo é proclamado. Está entre nós sempre que elevamos os corações e as mentes para Deus na oração. Ele dar-vos-á a luz e a força de que precisais. A mensagem, que transmitis, enraizar-se-á tanto mais profundamente no coração das pessoas quanto mais fordes não só mestres, mas também testemunhas. E esta é outra coisa importante: vós deveis ser mestres, mas isso não resulta se não fordes testemunhas. Que o vosso exemplo faça ver a todos a beleza da oração, o poder da misericórdia e do perdão, a alegria de partilhar a Eucaristia com todos os irmãos e irmãs.

A comunidade cristã no Uganda cresceu enormemente graças ao testemunho dos mártires. Eles deram testemunho da verdade que nos liberta; estavam prontos a derramar o seu sangue, para permanecer fiéis àquilo que sabiam ser bom, belo e verdadeiro. Estamos hoje aqui em Munyonyo, no lugar onde o rei Mwanga decidiu eliminar os seguidores de Cristo. Mas o seu objectivo faliu, tal como o rei Herodes não conseguiu matar Jesus. A luz brilhou nas trevas, e as trevas não prevaleceram (cf. *Jo* 1, 5). Depois de ter visto o corajoso testemunho de Santo André Kaggwa e seus companheiros, os cristãos do Uganda tornaram-se ainda mais convictos das promessas de Cristo.

Que Santo André, vosso padroeiro, e todos os catequistas mártires ugandeses vos obtenham a graça de serdes mestres sábios, homens e mulheres cujas palavras sejam cheias de graça, dando testemunho convincente do esplendor da verdade de Deus e da alegria de Evangelho. Testemunhas de santidade. Ide sem medo por cada cidade e aldeia deste país – sem medo – espalhar a boa semente da Palavra de Deus e tende confiança na sua promessa de que voltareis, em festa, carregando os molhos de espigas duma seara abundante. A todos vós, catequistas, peço que rezeis por mim e que façais as crianças rezar por mim.

*Omukama Abawe Omukisa!*    [Deus vos abençoe!]

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**SANTA MISSA PELOS MÁRTIRES UGANDESES**

***HOMILIA DO SANTO PADRE***

*Santuário Católico dos Mártires de Namugongo (Uganda)  
Sábado, 28 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/28/ugandamartiri.html)**]**

«*Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo*» (*Act* 1, 8).

Desde a Idade Apostólica até aos nossos dias, surgiu um grande número de testemunhas que proclamam Jesus e manifestam a força do Espírito Santo. Hoje lembramos, com gratidão, o sacrifício dos mártires ugandeses, cujo testemunho de amor a Cristo e à sua Igreja chegou, justamente, até «aos confins do mundo». Recordamos também os mártires anglicanos, cuja morte por Cristo dá testemunho do ecumenismo do sangue. Todas estas testemunhas cultivaram o dom do Espírito Santo na sua vida e, livremente, deram testemunho da sua fé em Jesus Cristo, mesmo a preço da vida, e vários deles numa idade muito jovem.

Também nós recebemos o dom do Espírito para nos fazer filhos e filhas de Deus, mas também para dar testemunho de Jesus e torná-Lo conhecido e amado em todos os lugares. Recebemos o Espírito, quando renascemos no Baptismo e quando fomos reforçados com os seus dons na Confirmação. Cada dia somos chamados a aprofundar a presença do Espírito Santo na nossa vida, a «reavivar» o dom do seu amor divino para sermos, por nossa vez, fonte de sabedoria e de força para os outros.

O dom do Espírito Santo é-nos concedido para ser partilhado. Une-nos uns aos outros como fiéis e membros vivos do Corpo místico de Cristo. Não recebemos o dom do Espírito só para nós mesmos, mas para nos edificarmos uns aos outros na fé, na esperança e no amor. Penso nos Santos José Mkasa e Carlos Lwanga que, depois de ter sido instruídos na fé pelos outros, quiseram transmitir o dom que receberam. Fizeram-no em tempos perigosos: não só a vida deles estava ameaçada, mas também a vida dos mais novos, confiados aos seus cuidados. Dado que tinham cultivado a fé e crescido no amor a Deus, não tiveram medo de levar Cristo aos outros, inclusive a preço da vida. A fé deles tornou-se testemunho; venerados hoje como mártires, o seu exemplo continua a inspirar muitas pessoas no mundo. Continuam a proclamar Jesus Cristo e a força da Cruz.

Se nós, como os mártires, reavivarmos diariamente o dom do Espírito que habita nos nossos corações, tornar-nos-emos certamente naqueles discípulos-missionários que Cristo nos chama a ser. Sê-lo-emos sem dúvida para as nossas famílias e os nossos amigos, mas também para aqueles que não conhecemos, especialmente para quantos poderiam ser pouco benévolos e até mesmo hostis para connosco. Esta abertura aos outros começa na família, nos nossos lares, onde se aprende a caridade e o perdão, e onde, no amor dos nossos pais, se aprende a conhecer a misericórdia e o amor de Deus. A referida abertura exprime-se também no cuidado pelos idosos e os pobres, as viúvas e os órfãos.

O testemunho dos mártires mostra a quantos, ontem e hoje, ouviram a sua história que os prazeres mundanos e o poder terreno não dão alegria e paz duradouras. Mas são a fidelidade a Deus, a honestidade e integridade da vida e uma autêntica preocupação pelo bem dos outros que nos trazem aquela paz que o mundo não pode oferecer. Isto não diminui a nossa solicitude por este mundo, como se nos limitássemos a olhar para a vida futura; pelo contrário, dá uma finalidade à vida neste mundo e ajuda-nos a ir ter com os necessitados, a cooperar com os outros em prol do bem comum e a construir uma sociedade mais justa, que promova a dignidade humana, sem excluir ninguém, que defenda a vida, dom de Deus, e proteja as maravilhas da natureza, a criação, a nossa casa comum.

Queridos irmãos e irmãs, esta é a herança que recebestes dos mártires ugandeses: vidas marcadas pela força do Espírito Santo, vidas que ainda hoje testemunham o poder transformador do Evangelho de Jesus Cristo. Não tomamos posse desta herança com uma comemoração passageira ou conservando-a num museu como se fosse uma jóia preciosa. Mas honramo-la verdadeiramente, como honramos todos os Santos, quando levamos o seu testemunho de Cristo para os nossos lares e a nossa vizinhança, para os locais de trabalho e a sociedade civil, quer permaneçamos em nossas casas, quer tenhamos de ir até ao canto mais remoto do mundo.

Que os mártires ugandeses juntamente com Maria, Mãe da Igreja, intercedam por nós, e o Espírito Santo acenda em nós o fogo do amor divino.

*Omukama Abawe Omukisa!*    [Deus vos abençoe!]

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM OS JOVENS**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Antigo Aeroporto de Kololo, Kampala (Uganda)  
Sábado, 28 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/28/ugandagiovani.html)**]**

Boa tarde! Boa tarde! Obrigado pela vossa presença.

Falarei na minha língua materna.

Ouvi, com grande tristeza no coração, os testemunhos de Winnie e de Emmanuel. Enquanto ouvia, perguntava-me: poderá uma experiência negativa servir para alguma coisa na vida? Sim! Tanto Emmanuel como Winnie viveram experiências negativas. Winnie pensava que não haveria futuro para ela; a vida era um muro na sua frente. Mas Jesus foi-lhe fazendo crer que é possível, na vida, fazer um grande milagre: transformar um muro num horizonte, um horizonte que me escancare o futuro. Perante uma experiência negativa – e muitos, muitos de quantos estão aqui, tiveram experiências negativas – há sempre a possibilidade de abrir um horizonte, de abri-lo com a força de Jesus. Hoje Winnie transformou em esperança a sua depressão, a sua amargura. Isto não é magia; é obra de Jesus, porque Jesus é o Senhor, Jesus pode tudo. E Jesus sofreu a experiência mais negativa da história: foi insultado, rejeitado e assassinado. Mas Jesus, pelo poder de Deus, ressuscitou. Ele pode fazer o mesmo em cada um de nós, com qualquer experiência negativa, porque Jesus é o Senhor.

Imagino – e todos juntos podemos imaginar – o sofrimento de Emmanuel, quando via os seus companheiros serem torturados, quando via os seus companheiros serem assassinados. Mas Emmanuel foi corajoso. Sim, teve coragem, porque ele sabia que, se o apanhassem no dia em que escapasse, matavam-no. Mas arriscou, teve confiança em Jesus e escapou. E hoje temo-lo aqui, 14 anos depois, formado em Ciências Administrativas. Sempre é possível! A nossa vida é como uma semente: para viver, é preciso morrer. E, às vezes, morrer fisicamente como sucedeu com os companheiros de Emmanuel; morrer como morreram Carlos Lwanga e os mártires do Uganda. Mas, através desta morte, há uma vida, uma vida para todos. Se eu transformo o negativo em positivo, sou um triunfador. Mas só é possível fazer isto com a graça de Jesus. Tendes a certeza disto? ... Não ouço nada! Tendes a certeza disto? [*jovens*: Sim!] Estais dispostos a transformar, na vida, todas as coisas negativas em positivo? [*jovens*: Sim!] Estais dispostos a transformar o ódio em amor? [*jovens*: Sim!] Estais dispostos a transformar a guerra em paz? [*jovens*: Sim!] Estais cientes de que sois um povo de mártires, de que nas vossas veias corre sangue de mártires e, por isso, possuís a fé e a vida que agora tendes? [*jovens*: Sim!] E esta fé, esta vida é tão bela que se chama a «pérola da África».

Parece que o microfone não funcionava bem. Às vezes, nós também não funcionamos bem; sim ou não? … E, quando não funcionamos bem, a quem devemos ir pedir que nos ajude? … Não vos ouço. Mais forte! [*jovens*: Jesus!] A Jesus! Jesus pode mudar a tua vida. Jesus pode derrubar os muros que tens à tua frente. Jesus pode fazer com que a tua vida seja um serviço para os outros.

Um de vós poderia perguntar-me: E, para isso, há uma varinha mágica? Se quiserdes que Jesus mude a vossa vida, pedi-Lhe ajuda. A isto chama-se rezar. Compreendestes bem? Rezar! Pergunto-vos: Vós rezais? [*jovens*: Sim!] De verdade? [Sim!] Rezai a Jesus, porque Ele é o Salvador. Nunca deixeis de rezar! A oração é a arma mais forte que tem um jovem. Jesus ama-nos. Pergunto-vos: Jesus ama a alguns e a outros não? [Não!] Jesus ama a todos? [Sim!] Jesus quer ajudar a todos? [Sim!] Então abri-Lhe a porta do vosso coração e deixai-O entrar: deixo entrar Jesus na minha vida. E, quando Jesus entra na tua vida, ajuda-te a lutar, a lutar contra todos os problemas de que falou Winnie, a lutar contra a depressão, a lutar contra o SIDA… Pedi ajuda para superar estas situações, mas sem deixar de lutar: lutar com o meu desejo e lutar com a minha oração. Estais dispostos a lutar? Estais dispostos a desejar o melhor para vós? [Sim!] Estais dispostos a rezar, a pedir a Jesus que vos ajude na luta? [Sim!]

E há ainda uma terceira coisa que vos quero dizer: todos nós estamos na Igreja, pertencemos à Igreja. Certo? [Sim!] E a Igreja tem uma Mãe; como se chama? [Maria!] Não percebi... [Maria!] Rezai à Mãe! Quando uma criança cai e se aleija, começa a chorar e vai procurar a mãe. Quando temos um problema, o melhor que podemos fazer é ir aonde está a nossa Mãe; e rezar a Maria, nossa Mãe. Estais de acordo? [Sim!] E vós rezais a Nossa Senhora, à nossa Mãe? [Sim!] E vós aqui [*dirigindo-se a um grupo de jovens*] pergunto: vós rezais a Jesus e a Nossa Senhora? [Sim!]

Então temos três coisas. A primeira: superar as dificuldades. A segunda: transformar o negativo em positivo. A terceira: oração. Oração a Jesus, que pode tudo. Jesus, que entra no nosso coração e muda a nossa vida. Jesus, que veio para me salvar e deu a sua vida por mim. Rezai a Jesus, porque Ele é o único Senhor. E, porque na Igreja não somos órfãos mas temos uma Mãe, rezai à nossa Mãe. E como se chama a nossa Mãe? [Maria!] Mais forte! [Maria!]

Muito vos agradeço por me terdes escutado. Agradeço-vos porque quereis mudar o negativo em positivo; porque quereis lutar contra o mal, com Jesus ao vosso lado. E sobretudo agradeço-vos porque tendes vontade de nunca deixar de rezar. Agora convido-vos a rezar juntos à nossa Mãe, para que nos proteja. Estamos de acordo? [Sim!] Todos juntos? [Sim!] [*recitação da* Ave Maria... Bênção]

E, por favor, um último pedido: rezai por mim; rezai por mim! Preciso. Não vos esqueçais. Até à próxima!

**Discurso preparado pelo Santo Padre**

Santo Padre: *Omukama Mulungi!*  
[Deus é bom!]

Os jovens: *Obudde Bwoona!*  
[Agora e para sempre]

*Prezados jovens, queridos amigos!*

Estou feliz por me encontrar aqui partilhando estes momentos convosco. Desejo saudar os irmãos bispos e as autoridades civis presentes. Agradeço ao Bispo Paul Ssemogerere as suas palavras de boas-vindas. Os testemunhos de Winnie e Emmanuel reforçam a minha impressão de que a Igreja no Uganda é rica de jovens que desejam um futuro melhor. Hoje, se me permitirdes, quero confirmar-vos na fé, encorajar-vos no amor e, de modo especial, fortalecer-vos na esperança.

A esperança cristã não é mero optimismo; é muito mais. Tem as suas raízes na vida nova que recebemos em Jesus Cristo. São Paulo diz que a esperança não nos decepciona, porque, no Baptismo, o amor de Deus foi derramado nos nossos corações por meio do Espírito Santo (cf. *Rm* 5, 5). A esperança torna-nos capazes de confiar nas promessas de Cristo, na força do seu perdão, da sua amizade, do seu amor, que abre as portas para uma vida nova. Justamente quando embaterdes num problema, num insucesso, quando sofrerdes um revés, ancorai o vosso coração neste amor, porque ele tem o poder de mudar a morte em vida e de expulsar qualquer mal.

Assim, nesta tarde, quero convidar-vos, em primeiro lugar, a rezar para que este dom cresça em vós e possais receber a graça de vos tornardes mensageiros de esperança. Há tantas pessoas ao nosso redor que vivem em profunda ansiedade e até desespero. Jesus dissipa estas nuvens, se Lho permitirmos.

Gostaria também de partilhar convosco algumas reflexões a respeito de certos obstáculos que poderíeis encontrar no caminho da esperança. Todos vós desejais um futuro melhor, um emprego, saúde e bem-estar; e isso é bom. A bem do povo e da Igreja, quereis partilhar com os outros os vossos dons, as aspirações e o entusiasmo; e isso é muito bom. Mas às vezes, quando vedes a pobreza, quando vos deparais com a falta de oportunidades, quando experimentais insucessos na vida, pode surgir e crescer uma sensação de desespero. Podeis ser tentados a perder a esperança.

Já alguma vez vos aconteceu ver uma criança que, indo pela estrada, se vê obrigada a parar frente a uma poça de água que não é capaz de saltar nem contornar? Pode tentar fazê-lo, mas cai dentro e fica encharcada. Então, depois de várias tentativas, pede ajuda ao pai, que a agarra pela mão e fá-la passar rapidamente para o outro lado. Nós somos como aquela criança. A vida reserva-nos muitas poças de água. Mas não devemos superar todos os problemas e obstáculos apenas com as nossas forças. Deus está lá para agarrar a nossa mão… basta que O invoquemos.

O que pretendo dizer com isto é que todos, incluindo o Papa, nos deveríamos assemelhar àquela criança. Porque só se formos pequenos e humildes é que não teremos medo de pedir ajuda ao nosso Pai. Se já experimentastes este socorro, sabeis do que estou a falar. Temos de aprender a colocar a nossa esperança n’Ele, cientes de que o Pai está sempre presente, ao nosso dispor. Infunde-nos confiança e coragem. Mas – e isto é importante – seria um erro não partilhar esta experiência maravilhosa com os outros. Equivocar-nos-íamos se não nos tornássemos mensageiros de esperança para os outros.

Uma particular «poça de água» pode amedrontar os jovens que querem crescer na amizade com Cristo: é o medo de falir no compromisso assumido de amar, sobretudo naquele grande e sublime ideal que é o matrimónio cristão. Pode-se ter medo de não conseguir ser uma boa esposa e uma boa mãe, um bom marido e um bom pai. Se se continua a fixar a «poça de água», pode-se até ver as próprias fraquezas e medos recaírem sobre nós mesmos. Por favor, não vos rendais a eles! Às vezes estes medos provêm do diabo, que não quer que sejais felizes. Não vos rendais! Chamai Deus em vossa ajuda, abri-Lhe o coração e Ele vos levantará, tomando-vos nos seus braços, e far-vos-á ver como amar. Peço de modo particular a vós, jovens namorados, que cultiveis a confiança de que Deus quer abençoar o vosso amor e as vossas vidas com a sua graça no sacramento do Matrimónio. No coração do matrimónio cristão, temos o dom do amor de Deus, não a organização de festas sumptuosas que, muitas vezes, obscurecem o significado espiritual mais profundo duma jubilosa celebração com familiares e amigos.

Uma «poça de água», enfim, que todos temos de enfrentar é o medo de ser diferentes, de ir contra-a-corrente numa sociedade que nos impele constantemente a abraçar modelos de bem-estar e consumo alheios aos valores profundos da cultura africana. Pensai! Que diriam os Mártires do Uganda a propósito do mau uso dos meios de comunicação modernos, onde os jovens estão expostos a imagens e visões distorcidas da sexualidade, que degradam a dignidade humana levando à tristeza e ao vazio interior? Qual seria a reacção dos Mártires Ugandeses perante o crescimento de ganância e corrupção na sociedade? Certamente pedir-vos-iam para serdes modelos de vida cristã, confiantes de que o amor a Cristo, a fidelidade ao Evangelho e uma sábia utilização dos dons recebidos de Deus não podem deixar de enriquecer, purificar e elevar a vida deste país. Os Mártires continuam a mostrar-vos o caminho. Não tenhais medo de deixar que a luz da fé brilhe nas vossas famílias, nas escolas e nos locais de trabalho. Não tenhais medo de entrar humildemente em diálogo com outras pessoas que podem ver as coisas de forma diferente.

Prezados jovens, queridos amigos, fixando os vossos rostos, encho-me de esperança: esperança quanto a vós, ao vosso país e à Igreja. Peço para rezardes a fim de que a esperança que recebestes do Espírito Santo continue a inspirar os vossos esforços por crescer em sabedoria, generosidade e bondade. Não vos esqueçais de ser mensageiros desta esperança. E não esqueçais que Deus vos ajudará a atravessar qualquer «poça de água» que encontrardes ao longo do caminho.

Tende esperança em Cristo e Ele tornar-vos-á capazes de encontrar a verdadeira felicidade. E, se sentis dificuldade em rezar e esperar, não tenhais medo de vos voltar para Maria, porque é nossa Mãe, a Mãe da esperança. Uma última coisa: por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Deus vos abençoe!

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**VISITA À CASA DE CARIDADE DE NALUKOLONGO**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Kampala (Uganda)  
Sábado, 28 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/28/ugandacasacarita.html)**]**

*Queridos amigos!*

Obrigado pela vossa recepção calorosa. Grande era o meu desejo de visitar esta Casa da Caridade, que o Cardeal Nsubuga fundou aqui em Nalukolongo. Este lugar sempre apareceu associado com o empenho da Igreja a favor dos pobres, dos deficientes e dos doentes. Aqui, nos primeiros tempos, crianças foram resgatadas da escravidão e mulheres receberam uma educação religiosa. Saúdo as Irmãs do Bom Samaritano, que continuam esta obra estupenda, e agradeço os seus anos de serviço silencioso e feliz no apostolado. E aqui, aqui está presente Jesus, porque Ele disse que sempre estará presente entre os pobres, os doentes, os encarcerados, os deserdados, aqueles que sofrem. Aqui está Jesus.

Saúdo também os representantes de muitos outros grupos de apostolado, que cuidam das necessidades dos nossos irmãos e irmãs no Uganda. Penso, em particular, no grande e frutuoso trabalho feito com as pessoas doentes do SIDA. Sobretudo saúdo a quem habita nesta Casa e noutras como esta, e a quantos beneficiam das obras da caridade cristã. É que esta é mesmo uma casa! Aqui podeis encontrar carinho e solicitude; aqui podeis sentir a presença de Jesus, nosso irmão, que ama a cada um de nós com um amor que é próprio de Deus.

A partir desta Casa, quero hoje dirigir um apelo a todas as paróquias e comunidades presentes no Uganda – e no resto da África – para que não esqueçam os pobres, não esqueçam os pobres! O Evangelho impõe-nos sair para as periferias da sociedade a fim de encontrarmos Cristo na pessoa que sofre e em quem passa necessidade. O Senhor diz-nos, em termos inequívocos, que nos julgará sobre isto. É triste quando as nossas sociedades permitem que os idosos sejam descartados ou esquecidos. É reprovável quando os jovens são explorados pela escravidão actual do tráfico de seres humanos. Se olharmos atentamente para o mundo ao nosso redor, parece que, em muitos lugares, campeiam o egoísmo e a indiferença. Quantos irmãos e irmãs nossos são vítimas da cultura actual do «usa e joga fora», que gera desprezo sobretudo para com crianças nascituras, jovens e idosos.

Como cristãos, não podemos ficar simplesmente a olhar, ficar a olhar o que acontece sem nada fazer. Qualquer coisa tem de mudar! As nossas famílias devem tornar-se sinais ainda mais evidentes do amor paciente e misericordioso de Deus não só pelos nossos filhos e os nossos idosos, mas por todos aqueles que passam necessidade. As nossas paróquias não devem fechar as portas e os ouvidos ao grito dos pobres. Trata-se da via-mestra do discipulado cristão. É assim que damos testemunho do Senhor que veio, não para ser servido, mas para servir. Assim mostramos que as pessoas contam mais do que as coisas, e que aquilo que somos é mais importante do que o que possuímos. De facto, é justamente naqueles que servimos que Cristo Se nos revela cada dia a Si mesmo e prepara a recepção que esperamos ter um dia no seu Reino eterno.

Queridos amigos, através de gestos simples, através de actos simples e devotos que honram a Cristo nos seus irmãos e irmãs mais pequeninos, fazemos entrar a força do seu amor no mundo e mudamo-lo realmente. Mais uma vez vos agradeço pela vossa generosidade e pela vossa caridade. Lembrar-vos-ei sempre nas minhas orações e peço-vos, por favor, que rezeis por mim. Confio-vos todos à terna protecção de Maria, nossa Mãe, e dou-vos a minha bênção.

*Omukama Abakuume!* [Deus vos proteja!]

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM OS SACERDOTES, OS RELIGIOSOS, AS RELIGIOSAS E OS SEMINARISTAS**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Catedral de  St. Mary - Kampala (Uganda)  
Sábado, 28 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/28/ugandareligiosi.html)**]**

Deixarei, ao Bispo encarregado da vida consagrada, a [mensagem que escrevi para vós](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151128_uganda-religiosi.html#Discurso_preparado), a fim de ser publicada.

Peço desculpa por voltar à minha língua materna, mas não sei falar bem o inglês.

Nesta noite, quero dizer-vos três coisas. A primeira: no livro do Deuteronómio, Moisés lembra ao seu povo: «Não esqueçais». E repete-o várias vezes no livro: «Não esqueçais». Não esqueçais tudo aquilo que Deus fez pelo seu povo. Assim a primeira coisa que vos quero dizer é que tenhais, que peçais a graça da *memória*. Como disse aos jovens, no sangue dos católicos ugandeses está misturado o sangue dos mártires. Não percais a memória desta semente, para que assim possais continuar a crescer. O principal inimigo da memória é o esquecimento, mas não é o mais perigoso. O inimigo mais perigoso de memória é habituar-se a herdar os bens dos nossos pais. A Igreja no Uganda não deve jamais habituar-se a uma recordação distante dos seus mártires. Mártir significa testemunha. A Igreja no Uganda, para ser fiel a esta memória, deve continuar a ser testemunha. Não deve viver dos rendimentos. As glórias do passado foram o início, mas vós deveis construir as glórias futuras. E esta é a tarefa que a Igreja vos confia: sede testemunhas, como o foram os mártires que deram a vida pelo Evangelho.

Mas, para ser testemunha – é a segunda palavra que vos quero dizer –, é necessária a *fidelidade*. Fidelidade à memória, fidelidade à própria vocação, fidelidade ao zelo apostólico. Fidelidade significa seguir o caminho da santidade. Fidelidade significa fazer aquilo que fizeram as testemunhas anteriores: ser missionários. Aqui no Uganda talvez haja dioceses que têm muitos sacerdotes, e dioceses que têm poucos; fidelidade significa oferecer-se ao Bispo para ir para outra diocese que precise de missionários. Isto não é fácil. Fidelidade significa perseverança na vocação. E aqui quero agradecer de maneira especial o exemplo de fidelidade que me deram as Irmãs da Casa da Caridade: fidelidade aos pobres, aos doentes, aos mais necessitados, porque neles está Cristo. O Uganda foi irrigado pelo sangue dos mártires, das testemunhas. Hoje é necessário continuar a irrigá-lo; e por isso novos desafios, novas testemunhas, novas missões. Caso contrário, perdereis a grande riqueza que tendes, e a «pérola da África» acabará conservada num museu. É que o demónio ataca assim, pouco a pouco. Estou a falar não só para os sacerdotes, mas também para os religiosos. Mas foi aos sacerdotes que quis referir de modo especial o problema da missionariedade: que as dioceses com muito clero o disponibilizem para aquelas que têm menos clero. Desta forma o Uganda continuará a ser missionário.

Uma memória, que significa fidelidade. E fidelidade, que só é possível com a *oração*. Se um religioso, uma religiosa, um sacerdote deixa de rezar ou reza pouco, porque diz que tem muito trabalho, já começou a perder a memória, já começou a perder a fidelidade. Oração, que significa também humilhação, a humilhação de ir regularmente ter com o confessor para lhe dizer os próprios pecados. Não se pode mancar com ambas as pernas. Nós, religiosos, religiosas, sacerdotes, não podemos levar uma vida dupla. Se és pecador, se és pecadora, pede perdão; mas não tenhas escondido aquilo que Deus não quer; não tenhas escondida a falta de fidelidade. Não fechas no armário a memória.

Memória, novos desafios – fidelidade à memória – e oração. E a oração começa sempre por reconhecer-se pecador. Com estas três colunas, a «pérola da África» continuará a ser pérola e não apenas uma palavra do dicionário. Os mártires, que deram força a esta Igreja, vos ajudem a continuar com a memória, a fidelidade e a oração.

E peço-vos, por favor, que não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.

Agora convido-vos a rezar todos juntos uma Ave-Maria à Virgem Mãe: «Ave Maria…».

**Discurso preparado pelo Santo Padre**

*Queridos religiosos,  
Queridos seminaristas!*

Estou feliz por estar convosco e agradeço as vossas cordiais boas-vindas. De modo particular, agradeço àqueles que falaram e deram testemunho das vossas esperanças e preocupações e sobretudo da alegria que inspira o vosso serviço ao povo de Deus no Uganda.

Alegro-me também por o nosso encontro ter lugar na véspera do primeiro Domingo do Advento, um tempo que nos convida a olhar para um *novo começo.* Preparamo-nos, também durante este Advento, para cruzar o limiar do [Ano do Jubilar extraordinário da Misericórdia](http://www.iubilaeummisericordiae.va/content/gdm/pt.html), que proclamei para toda a Igreja.

Aproximando-nos do Jubileu da Misericórdia, queria fazer-vos duas perguntas. A primeira: *quem sois vós,* como presbíteros ou futuros presbíteros e como pessoas consagradas? Em determinado sentido, a resposta é fácil: sois certamente homens e mulheres cujas vidas foram moldadas por um «encontro pessoal com Jesus *Cristo» (*[*Evangelii gaudium,* 3](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html#I.__Alegria_que_se_renova_e_comunica)).Jesus tocou os vossos corações, chamou-vos pelo nome e pediu-vos para O seguirdes, de coração indiviso, ao serviço do seu povo santo.

A Igreja no Uganda foi abençoada, na sua breve mas veneranda história, com um grande número de testemunhas – fiéis leigos, catequistas, sacerdotes e religiosos – que deixaram tudo por amor de Jesus: casa, família e, no caso dos mártires, a própria vida. Na vossa vida gasta tanto no ministério sacerdotal como na consagração religiosa, sois chamados a continuar esta grande herança, sobretudo através de actos simples de serviço humilde. Jesus quer servir-Se de vós para continuar a tocar os corações de cada vez mais pessoas: quer servir-Se da vossa boca para proclamar a sua palavra de salvação, dos vossos braços para abraçar os pobres que Ele ama, das vossas mãos para construir comunidades de autênticos discípulos-missionários. Oxalá nunca esqueçamos que o nosso «sim» a Jesus é um «sim» ao seu povo. As nossas portas, as portas das nossas igrejas, mas de modo especial as portas dos nossos corações devem permanecer constantemente abertas ao povo de Deus, ao nosso povo. Porque isso é o que nós somos.

A segunda pergunta que vos queria fazer nesta tarde é*:* *Que mais sois chamados a fazer* na vivência da vossa vocação específica? Porque há sempre algo mais que podemos fazer, mais uma milha a percorrer no nosso caminho.

O povo de Deus, antes, todos os povos anseiam por uma vida nova, pelo perdão e a paz. Infelizmente, no mundo, existem tantas situações preocupantes que necessitam das nossas preces, a começar pelas realidades mais vizinhas. Rezo, antes de mais nada, pelo amado povo do Burundi, para que o Senhor suscite nas Autoridade e em toda a sociedade sentimentos e propósitos de diálogo e colaboração, de reconciliação e paz. Se é nosso dever acompanhar quem sofre, então devemos – à semelhança da luz que filtra através dos vitrais desta Catedral – deixar que a força sanadora de Deus passe por nós.Em primeiro lugar, devemos deixar que as ondas de sua misericórdia manem sobre nós, nos purifiquem e restaurem, para podermos levar a mesma misericórdia aos outros, especialmente a quantos se encontram em tantas periferias geográficas e existenciais.

Bem sabemos, todos nós, como isto pode ser difícil! Há tanto trabalho a fazer. Ao mesmo tempo, a vida moderna oferece tantas distracções que podem obnubilar a nossa consciência, dissipar o nosso zelo e até atrair-nos para aquela «mundanidade espiritual» que corrói os fundamentos da vida cristã. O esforço de conversão – conversão que é o coração do Evangelho (cf. *Mc* 1, 15*)* – deve ser mantido todos os dias, na luta por reconhecer e superar aqueles hábitos e formas de pensar que podem alimentar a preguiça espiritual. Temos necessidade de examinar a nossa consciência quer como indivíduos quer como comunidade.

Como já acenei, estamos a entrar no Advento, que é tempo dum novo começo. Na Igreja, gostamos de dizer que a África é o continente da esperança, e com boas razões. A Igreja, nestas terras, é abençoada com uma colheita abundante de vocações religiosas. Quero, nesta tarde, oferecer uma palavra especial de encorajamento aos seminaristas e noviços aqui presentes. A vocação de Deus é uma fonte de alegria e um apelo a servir. Jesus diz-nos que «a boca fala da abundância do coração» *(Lc* 6, 45*).*Que o fogo do Espírito Santo purifique os vossos corações, para serdes testemunhas jubilosas e convictas da esperança que nos dá o Evangelho. Tendes uma belíssima palavra para anunciar. Que vós possais anunciá-la sempre, sobretudo com a integridade e a convicção que dimana da vossa vida.

Queridos irmãos e irmãs, a minha visita ao Uganda é breve, e hoje foi um dia longo! Mas considero o nosso encontro desta tarde a coroação deste dia belíssimo em que pude ir como peregrino ao Santuário dos Mártires Ugandeses, em Namugongo, e [encontrar-me com muitíssimos jovens](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/28/ugandagiovani.html) que são o futuro da nação e da Igreja. Na verdade, deixarei a África com grande esperança na colheita que a graça de Deus está a preparar no vosso meio! Peço a cada um de vós para rezar por uma abundante efusão de zelo apostólico, por uma jubilosa perseverança na vocação que recebestes, e sobretudo pelo dom dum coração puro sempre aberto às necessidades de todos os nossos irmãos e irmãs. Desta forma, a Igreja no Uganda mostrar-se-á verdadeiramente digna da sua gloriosa herança e poderá enfrentar os desafios do futuro com firme esperança nas promessas de Cristo. Recordar-me-ei de todos nas minhas orações, e peço-vos que rezeis por mim!

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM A CLASSE DIRIGENTE E COM O CORPO DIPLOMÁTICO**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Palácio Presidencial de Bangui (República Centro-Africana)  
Domingo, 29 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/29/repcentrafricanaautorita.html)**]**

*Senhora Chefe de Estado da Transição,  
Distintas Autoridades,  
Ilustres membros do Corpo Diplomático,  
Dignos representantes das Organizações Internacionais,  
Amados Irmãos Bispos,  
Senhoras e Senhores!*

Feliz por estar aqui convosco, quero em primeiro lugar manifestar o meu vivo apreço pela calorosa recepção que me reservastes e agradeço à Senhora Chefe de Estado da Transição pela sua amável saudação de boas vindas. Estou comovido, Senhora, pelo que acaba de dizer. Muito obrigado por este testemunho tão humano e tão cristão. Deste lugar que, de certo modo, é a casa de todos os centro-africanos, tenho o prazer de exprimir, por seu intermédio e através das outras Autoridades do país aqui presentes, a minha estima e proximidade espiritual a todos os vossos cidadãos. Quero igualmente saudar os membros do Corpo Diplomático, bem como os representantes das Organizações Internacionais, cujo trabalho nos recorda o ideal de solidariedade e cooperação que deve ser cultivado entre os povos e as nações.

Com a República Centro-Africana que, não obstante as dificuldades, se encaminha gradualmente para a normalização da sua vida sociopolítica, piso pela primeira vez esta terra, [depois do meu predecessor São João Paulo II](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/travels/1985/travels/documents/trav_africa.html). É como peregrino de paz que venho, e apóstolo de esperança que me apresento. Por isso mesmo, me congratulo com os esforços feitos pelas várias Autoridades nacionais e internacionais, a começar pela Senhora Chefe de Estado da Transição, para guiar o país nesta fase. O meu desejo ardente é que as diferentes consultas nacionais que serão realizadas dentro de algumas semanas permitam ao país empreender serenamente uma nova fase da sua história.

Para iluminar o horizonte, temos o lema da República Centro-Africana, que reflecte a esperança dos pioneiros e o sonho dos pais fundadores: «Unidade – Dignidade – Trabalho». Hoje, mais do que ontem, esta trilogia exprime as aspirações de cada centro-africano e constitui, consequentemente, uma bússola segura para as Autoridades, que têm o dever de guiar os destinos do país. Unidade, dignidade, trabalho! Três palavras densas de significado, cada uma das quais representa seja um canteiro de obras seja um programa nunca concluído, um compromisso a executar constantemente.

Primeiro, a unidade. Esta é, como se sabe, um valor fulcral para a harmonia dos povos. Trata-se de viver e construir a partir da maravilhosa diversidade do mundo circundante, evitando a tentação do medo do outro, de quem não nos é familiar, de quem não pertence ao nosso grupo étnico, às nossas opções políticas ou à nossa confissão religiosa. A unidade exige, pelo contrário, que se crie e promova uma síntese das riquezas que cada um traz consigo. A unidade na diversidade é um desafio constante, que requer criatividade, generosidade, abnegação e respeito pelo outro.

Depois, a dignidade. É precisamente este valor moral – sinónimo de honestidade, lealdade, garbo e honra – que caracteriza os homens e mulheres conscientes tanto dos seus direitos como dos seus deveres e que os leva ao respeito mútuo. Cada pessoa tem a própria dignidade. Soube, com prazer, que a República Centro-Africana é o país do «*Zo kwe zo*», o país onde cada pessoa é uma pessoa. Então, que tudo se faça para tutelar a condição e a dignidade da pessoa humana. E quem tem os meios para levar uma vida decente, em vez de estar preocupado com os privilégios, deve procurar ajudar os mais pobres a terem, também eles, acesso a condições de vida respeitosas da dignidade humana, nomeadamente através do desenvolvimento do seu potencial humano, cultural, económico e social. Por conseguinte, o acesso à instrução e à assistência sanitária, a luta contra a malnutrição e o empenho por garantir a todos uma habitação decente deveriam aparecer na vanguarda dum desenvolvimento cuidadoso da dignidade humana. Em última análise, a dignidade do ser humano é trabalhar pela dignidade dos seus semelhantes.

Por último, o trabalho. É pelo trabalho que podeis melhorar a vida das vossas famílias. São Paulo disse: «Não compete aos filhos entesourar para os pais, mas sim aos pais para os filhos» (*2 Cor* 12, 14). O esforço dos pais exprime o seu amor pelos filhos. E também vós, centro-africanos, podeis melhorar esta terra maravilhosa, explorando sensatamente os seus abundantes recursos. O vosso país situa-se numa área considerada como um dos dois pulmões da humanidade, por causa da sua excepcional riqueza de biodiversidade. A tal propósito, a que já me referi na Encíclica [*Laudato si’*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html), tenho particularmente a peito chamar a atenção de todos – cidadãos, responsáveis do país, parceiros internacionais e sociedades multinacionais – para a grave responsabilidade que vos cabe na exploração dos recursos ambientais, nas opções e projectos de desenvolvimento que, duma forma ou doutra, afectam a terra inteira. O trabalho de construção duma sociedade próspera deve ser uma obra solidária. Desde há muito tempo que a sabedoria do vosso povo compreendeu esta verdade, traduzindo-a neste provérbio: «As formigas são pequenas, mas, em grande número, conseguem trazer a presa para o seu buraco».

É supérfluo, sem dúvida, sublinhar a importância crucial do comportamento e administração das Autoridades públicas. Estas deveriam ser as primeiras a encarnar, coerentemente, na sua vida os valores da unidade, da dignidade e do trabalho, para servir de modelo aos seus compatriotas.

A história da evangelização desta terra e a história sociopolítica do país dão testemunho do compromisso da Igreja na linha destes valores da unidade, da dignidade e do trabalho. Ao mesmo tempo que faço memória dos pioneiros da evangelização na República Centro-Africana, saúdo os meus irmãos Bispos que detém presentemente a responsabilidade daquela. Com eles, renovo a disponibilidade da Igreja presente nesta nação a contribuir cada vez mais para a promoção do bem comum, nomeadamente através da busca da paz e reconciliação. Tenho a certeza de que as Autoridades centro-africanas actuais e futuras terão solicitamente a peito garantir à Igreja condições favoráveis ao cumprimento da sua missão espiritual. Assim ela poderá contribuir cada vez mais para «promover todos os homens e o homem todo» ([*Populorum progressio*](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html), 14), para usar a feliz expressão do meu predecessor, o Beato Paulo VI, que foi o [primeiro Papa dos tempos modernos que, há cerca de 50 anos, veio à África](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/travels/documents/uganda.html) encorajá-la e confirmá-la no bem ao despontar duma nova alvorada.

Por minha vez, quero neste momento congratular-me com os esforços envidados pela comunidade internacional, aqui representada pelo Corpo Diplomático e os membros de várias Missões das Organizações Internacionais. Encorajo-a vivamente a avançar sempre mais pelo caminho da solidariedade, fazendo votos de que a sua obra, unida à acção das Autoridades centro-africanas, ajude o país a progredir sobretudo na reconciliação, no desarmamento, na consolidação da paz, na assistência sanitária e no cultivo duma sã administração a todos os níveis.

Ao concluir, gostaria de reafirmar a minha alegria por visitar este país maravilhoso, situado no coração da África, pátria dum povo profundamente religioso, com um rico património natural e cultural. Nele vejo um país cumulado dos benefícios de Deus. Possa o povo centro-africano, bem como os seus dirigentes e todos os seus parceiros apreciar, no seu justo valor, estes benefícios, trabalhando sem cessar pela unidade, a dignidade humana e a paz fundada na justiça. Deus vos abençoe a todos. Obrigado.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGGIO APOSTOLICO DEL SANTO PADRE FRANCESCO   
IN KENYA, UGANDA E NELLA REPUBBLICA CENTRAFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/it/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)  
(25-30 NOVEMBRE 2015)

**VISITA AL CAMPO PROFUGHI DI SAINT SAUVEUR**

***SALUTO DEL SANTO PADRE***

*Bangui (Repubblica Centrafricana)  
Domenica, 29 novembre 2015*

**[**[**Multimedia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/it/events/event.dir.html/content/vaticanevents/it/2015/11/29/banguicampoprofughi.html)**]**

Saluto tutti voi che siete qui.

Vi dico che ho letto quello che i bambini avevano scritto [su cartelli]: “pace”, “perdono”, “unità” e tante cose… “amore”. Noi dobbiamo lavorare e pregare e fare di tutto per la pace. Ma la pace senza amore, senza amicizia, senza tolleranza, senza perdono, non è possibile. Ognuno di noi deve fare qualcosa. Io vi auguro, a voi e a tutti i centrafricani, la pace, una grande pace fra voi. Che voi possiate vivere in pace qualunque sia l’etnia, la cultura, la religione, lo stato sociale. Ma tutti in pace! Tutti! Perché tutti siamo fratelli. Mi piacerebbe che tutti dicessimo insieme: “Tutti siamo fratelli”. [La gente ripete: “Tutti siamo fratelli”] Un’altra volta! [“Tutti siamo fratelli”]. E per questo, perché tutti siamo fratelli, vogliamo la pace.

E vi darò la benedizione del Signore. Il Signore vi benedica: nel nome del Padre, del Figlio e dello Spirito Santo. E pregate per me! Pregate per me, avete sentito? [“Sì!”]

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM AS COMUNIDADES EVANGÉLICAS**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Faculdade de Teologia Evangélica de Bangui [FATEB], República Centro-Africana  
Domingo, 29 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/29/repcentrafricanaevangelici.html)**]**

*Queridos irmãos e irmãs!*

Sinto-me feliz por ter ocasião de vos encontrar nesta Faculdade de Teologia Evangélica. Agradeço ao Decano da Faculdade e ao Presidente da Aliança dos Evangélicos na África Central as suas amáveis palavras de boas-vindas. Saúdo a cada um de vós e, por vosso intermédio, também a todos os membros das vossas comunidades, num profundo sentimento de amor fraterno. Estamos todos aqui ao serviço do mesmo Senhor ressuscitado, que hoje nos reúne; e, pelo Baptismo comum que recebemos, somos convidados a anunciar a alegria do Evangelho aos homens e mulheres deste amado país da África Central.

Há muito tempo que o vosso povo é atingido pelas provações e pela violência que causam tantos sofrimentos. Isto torna ainda mais necessário e urgente o anúncio do Evangelho. Porque é a carne do próprio Cristo que sofre, que sofre nos seus membros predilectos: os pobres do seu povo, os doentes, os idosos e os abandonados, as crianças que já não têm os pais ou estão abandonadas a si mesmas, sem guia nem educação. E são também todos aqueles que a violência e o ódio feriram na alma ou no corpo; aqueles que a guerra privou de tudo: do trabalho, da casa, das pessoas queridas.

Deus não faz diferença entre aqueles que sofrem. Com frequência, tenho designado isto como o *ecumenismo do sangue*. Todas as nossas comunidades, sem distinção, sofrem com a injustiça e o ódio cego que o diabo desencadeia; quero, nesta circunstância, exprimir a minha proximidade e a minha solidariedade ao Pastor Nicolas, cuja casa foi recentemente saqueada e queimada, bem como a sede da sua comunidade. Neste contexto difícil, o Senhor não cessa de nos enviar para manifestar toda a sua ternura, a sua compaixão e a sua misericórdia. Este sofrimento comum e esta missão comum são uma oportunidade providencial para nos fazer avançar juntos pelo caminho da unidade, sendo, para isso mesmo, um meio espiritual indispensável. Como poderia o Pai recusar a graça da unidade, embora ainda imperfeita, aos seus filhos que sofrem juntos e que, nas mais diversas circunstâncias, se dedicam juntos ao serviço dos irmãos?

Queridos irmãos, a divisão dos cristãos é um escândalo, porque contrária, antes de mais nada, à vontade do Senhor. Mas é também um escândalo perante tanto ódio e tanta violência que dilaceram a humanidade, perante tantas contradições que levantam ao Evangelho de Cristo. Por isso, com apreço pelo espírito de respeito mútuo e colaboração que existe entre os cristãos do vosso país, encorajo-vos a avançar por este caminho num serviço comum da caridade. É um testemunho prestado a Cristo, que constrói a unidade.

Possais vós, em medida sempre maior e com coragem, juntar, à perseverança e à caridade, o serviço da oração e da reflexão em comum, procurando um melhor conhecimento recíproco, uma maior confiança e amizade rumo à plena comunhão de que conservamos a firme esperança.

Asseguro-vos que a minha oração vos acompanha neste caminho fraterno de serviço, reconciliação e misericórdia, um caminho longo mas cheio de alegria e esperança.

Peço ao Senhor Jesus que abençoe a todos vós, abençoe as vossas comunidades, abençoe também a nossa Igreja. E peço a vós que rezeis por mim. Muito obrigado!

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ABERTURA DA PORTA SANTA DA CATEDRAL DE BANGUI    
E   
SANTA MISSA COM SACERDOTES, RELIGIOSOS, RELIGIOSAS, CATEQUISTAS E JOVENS**

*Catedral de Bangui (República Centro-Africana)  
Primeiro Domingo de Advento, 29 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/29/repcentrafricanamessa.html)**]**

***PALAVRAS DO SANTO PADRE ANTES DA ABERTURA DA PORTA SANTA***

Hoje, Bangui torna-se a capital espiritual do mundo. O Ano Santo da Misericórdia chega adiantado a esta terra; uma terra que sofre, há diversos anos, a guerra e o ódio, a incompreensão, a falta de paz. Mas, simbolizados nesta terra sofredora, estão também todos os países que estão passando através da cruz da guerra. Bangui torna-se a capital espiritual da súplica pela misericórdia do Pai. Todos nós pedimos paz, misericórdia, reconciliação, perdão, amor… para Bangui, para toda a República Centro-Africana, para o mundo inteiro. Para os países que sofrem a guerra, peçamos a paz; todos juntos, peçamos amor e paz. Todos juntos (*em língua sango*): «Doyé Siriri!» [*todos repetem*: «Doyé Siriri!»]

E, com esta oração, começamos o Ano Santo, hoje, aqui nesta capital espiritual do mundo!

***HOMILIA DO SANTO PADRE***

Neste Primeiro Domingo de Advento, tempo litúrgico da expectativa do Salvador e símbolo da esperança cristã, Deus guiou os meus passos até junto de vós, nesta terra, enquanto a Igreja universal se prepara para inaugurar o Ano Jubilar da Misericórdia, que nós aqui, hoje, iniciámos. E sinto-me particularmente feliz pelo facto de a minha visita pastoral coincidir com a abertura no vosso país deste Ano Jubilar. A partir desta Catedral, com o coração e o pensamento, quero alcançar afectuosamente todos os sacerdotes, os consagrados, os agentes pastorais deste país, que estão espiritualmente unidos connosco neste momento. Através de vós, quero saudar todos os centro-africanos, os doentes, as pessoas idosas, os feridos pela vida. Talvez alguns deles estejam desesperados e já não tenham força sequer para reagir, esperando apenas uma esmola, a esmola do pão, a esmola da justiça, a esmola dum gesto de atenção e bondade. E todos nós esperamos a graça, a esmola da paz.

Mas, como os apóstolos Pedro e João que subiam ao templo e não tinham ouro nem prata para dar ao paralítico indigente, venho oferecer-lhes a força e o poder de Deus que curam o homem, fazem-no levantar e tornam-no capaz de começar uma nova vida, «*passando à outra margem*» (cf. *Lc* 8, 22).

Jesus não nos envia sozinhos para a outra margem, mas convida-nos a fazer a travessia juntamente com Ele, respondendo cada qual a uma vocação específica. Devemos, pois, estar cientes de que esta passagem para a outra margem só se pode fazer com Ele, libertando-nos das concepções de família e de sangue que dividem, para construir uma Igreja-Família de Deus, aberta a todos, que cuida dos mais necessitados. Isto pressupõe a proximidade aos nossos irmãos e irmãs, isto implica um espírito de comunhão. Não se trata primariamente duma questão de recursos financeiros; realmente basta compartilhar a vida do Povo de Deus, dando a razão da esperança que está em nós (cf. *1 Ped* 3, 15), sendo testemunhas da misericórdia infinita de Deus, que – como sublinha o Salmo Responsorial deste domingo - «é bom e (…) ensina o caminho aos pecadores» (*Sal* 25/24, 8). Jesus ensina-nos que o Pai celeste «faz com que o Sol se levante sobre os bons e os maus» (*Mt* 5, 45). Depois de nós mesmos termos feito a experiência do perdão, devemos perdoar. Aqui está a nossa vocação fundamental: «Portanto, sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste» (*Mt* 5, 48). Uma das exigências essenciais desta vocação à perfeição é o amor aos inimigos, que protege contra a tentação da vingança e contra a espiral das retaliações sem fim. Jesus fez questão de insistir sobre este aspecto particular do testemunho cristão (cf. *Mt* 5, 46-47). Consequentemente os agentes de evangelização devem ser, antes de mais nada, artesãos do perdão, especialistas da reconciliação, peritos da misericórdia. É assim que podemos ajudar os nossos irmãos e irmãs a «passar à outra margem», revelando-lhes o segredo da nossa força, da nossa esperança, e da nossa alegria que têm a sua fonte em Deus, porque estão fundadas na certeza de que Ele está connosco no barco. Como fez com os Apóstolos na altura da multiplicação dos pães, é a nós que o Senhor confia os seus dons para irmos distribuí-los por todo o lado, proclamando a sua palavra que garante: «Eis que virão dias em que cumprirei a promessa favorável que fiz à casa de Israel e à casa de Judá» (*Jr* 33, 14).

Nos textos litúrgicos deste domingo, podemos descobrir algumas características desta salvação anunciada por Deus, que servem igualmente como pontos de referência para nos guiar na nossa missão. Antes de mais nada, a felicidade prometida por Deus é anunciada em termos de justiça. O Advento é o tempo para preparar os nossos corações a fim de acolher o Salvador, isto é, o único Justo e o único Juiz capaz de dar a cada um a sorte que merece. Aqui, como noutros lugares, muitos homens e mulheres têm sede de respeito, justiça, equidade, sem avistar no horizonte qualquer sinal positivo. Para eles, o Salvador vem trazer o dom da sua justiça (cf. *Jr* 33, 15). Vem tornar fecundas as nossas histórias pessoais e colectivas, as nossas esperanças frustradas e os nossos votos estéreis. E manda-nos anunciar sobretudo àqueles que são oprimidos pelos poderosos deste mundo, bem como a quantos vivem vergados sob o peso dos seus pecados: «Judá será salvo e Jerusalém viverá em segurança. Este é o nome com o qual será chamada: “Senhor-nossa justiça”» (*Jr* 33, 16). Sim, Deus é Justiça! Por isso mesmo nós, cristãos, somos chamados a ser no mundo os artesãos duma paz fundada na justiça.

        A salvação que esperamos de Deus, tem igualmente o sabor do amor. Na verdade, preparando-nos para o mistério do Natal, assumimos de novo o caminho do povo de Deus para acolher o Filho que nos veio revelar que Deus não é só Justiça mas é também e antes de tudo Amor (cf. *1 Jo* 4, 8). Em todos os lugares, mas sobretudo onde reinam a violência, o ódio, a injustiça e a perseguição, os cristãos são chamados a dar testemunho deste Deus que é Amor. Ao encorajar os sacerdotes, as pessoas consagradas e os leigos que, neste país, vivem por vezes até ao heroísmo as virtudes cristãs, reconheço que a distância, que nos separa do ideal tão exigente do testemunho cristão, às vezes é grande. Por isso faço minhas, sob a forma de oração, estas palavras de São Paulo: «O Senhor vos faça crescer e superabundar de caridade uns para com os outros e para com todos» (*1 Ts* 3, 12). A este respeito, deve permanecer presente no nosso horizonte como um farol o testemunho dos pagãos sobre os cristãos da Igreja Primitiva: «Vede como se amam, amam-se verdadeiramente» (Tertuliano, *Apologetico*, 39, 7).

Por fim, a salvação anunciada por Deus reveste o carácter duma força invencível que triunfará sobre tudo. De facto, depois de ter anunciado aos seus discípulos os sinais tremendos que precederão a sua vinda, Jesus conclui: «Quando estas coisas começarem a acontecer, cobrai ânimo e levantai a cabeça, porque a vossa redenção está próxima» (*Lc* 21, 28). E, se São Paulo fala dum amor «que cresce e superabunda», é porque o testemunho cristão deve reflectir esta força irresistível de que se trata no Evangelho. Assim, é também no meio de convulsões inauditas que Jesus quer mostrar o seu grande poder, a sua glória incomparável (cf. *Lc* 21, 27) e a força do amor que não recua diante de nada, nem diante dos céus transtornados, nem diante da terra em chamas, nem diante do mar revolto. Deus é mais poderoso e mais forte que tudo. Esta convicção dá ao crente serenidade, coragem e a força de perseverar no bem frente às piores adversidades. Mesmo quando se desencadeiam as forças do mal, os cristãos devem responder ao apelo, de cabeça erguida, prontos a resistir nesta batalha em que Deus terá a última palavra. E será uma palavra de amor e de paz.

A todos aqueles que usam injustamente as armas deste mundo, lanço um apelo: deponde esses instrumentos de morte; armai-vos, antes, com a justiça, o amor e a misericórdia, autênticas garantias de paz. Discípulos de Cristo, sacerdotes, religiosos, religiosas ou leigos comprometidos neste país de nome tão sugestivo, situado no coração da África e que é chamado a descobrir o Senhor como verdadeiro Centro de tudo o que é bom, a vossa vocação é encarnar o coração de Deus no meio dos vossos concidadãos. Oxalá o Senhor nos torne a todos «firmes (...) e irrepreensíveis na santidade diante de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de Nosso Senhor Jesus com todos os seus santos» (*1 Ts* 3, 13). Reconciliação, perdão, amor e paz! Amen.

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS E CONFISSÕES**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Praça da Catedral, Bangui (República Centro-Africana)  
Domingo, 29 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/29/repcentrafricanaveglia.html)**]**

*Queridos jovens!*

Saúdo-vos com todo o afecto. O vosso amigo, que falou em nome de todos, disse que o vosso símbolo é a bananeira, porque a bananeira é um símbolo de vida: cresce sempre, sempre se reproduz e nunca cessa de produzir os seus frutos de grande energia alimentar. Além disso, a bananeira é resistente. Penso que isto indique claramente o caminho que vos é proposto neste tempo difícil de guerra, ódio, divisão: o caminho da *resistência*.

Dizia o vosso amigo que alguns de vós querem partir. A fuga aos desafios da vida nunca é uma solução! É preciso resistir, ter a coragem da resistência, da luta pelo bem! Quem foge não tem a coragem de dar vida. A bananeira dá vida e continua a reproduzir-se e a dar sempre mais vida porque resiste, porque permanece, porque fica ali. Alguns de vós perguntar-me-ão: «Mas, Padre, que podemos fazer? Como se faz para resistir?» Dir-vos-ei duas ou três coisas que talvez vos sejam úteis para resistirdes.

Antes de mais nada, a *oração*. A oração é poderosa. A oração vence o mal. A oração aproxima-vos de Deus, que é o Todo-Poderoso. Faço-vos uma pergunta: Vós rezais? … Não ouço! [*os jovens gritam*: Sim!] Não o esqueçais.

Depois, *trabalhar pela paz*. E a paz não é um documento que se assina e fica ali. A paz constrói-se todos os dias. A paz é um trabalho artesanal, faz-se com as mãos, faz-se com a própria vida. Entretanto alguém pode-me pedir: «Diga-me, Padre, como posso eu fazer o artesão da paz?». Primeiro: nunca odiar. E, se alguém te faz mal, procura perdoar. Nenhum ódio! Muito perdão! Digamo-lo juntos: «Nenhum ódio, muito perdão» [*todos repetem em língua sango*]. E, se não tiveres ódio no teu coração, se perdoares, serás um vencedor. Porque serás vencedor da batalha mais difícil da vida: vencedor no amor. E, através do amor, vem a paz.

Vós quereis ser derrotados ou vencedores na vida? Que quereis ser? [*Os jovens gritam*: «Queremos ser aqueles que vencem!»] E só se vence pela estrada do amor. A estrada do amor. E pode-se amar o inimigo? Sim. Pode-se perdoar a quem te fez mal? Sim. Desta forma, com o amor e o perdão, sereis vencedores. Com o amor, sereis vencedores na vida e sempre dareis vida. O amor nunca vos deixará derrotados.

Agora, desejo-vos o melhor. Pensai na bananeira. Pensai na resistência frente às dificuldades. Fugir, partir para longe não é uma solução. Deveis ser corajosos. Vós compreendestes o que significa ser corajosos? Corajosos no perdão, corajosos no amor, corajosos na construção da paz. Estais de acordo? [*Os jovens respondem* «Sim» *em língua sango*] Dizemo-lo, juntos? «Corajosos no amor, no perdão e na construção da paz» [*os jovens repetem em sango*].

Queridos jovens centro-africanos, estou muito contente por vos ter encontrado. Hoje abrimos esta Porta. Significa a Porta da Misericórdia de Deus. Fiai-vos de Deus. Porque Ele é misericordioso, Ele é amor, Ele é capaz de nos dar a paz. Por isso vos disse, ao princípio, para rezardes: é preciso rezar para resistir, para amar, para não odiar, para ser artesãos da paz.

Muito obrigado pela vossa presença. Agora entrarei na Catedral, para ouvir alguns de vós em Confissão…

De coração, estais dispostos a resistir? Sim ou não? [*os jovens*: «Sim!»] De coração, estais dispostos a lutar pela paz? [«Sim!»] De coração, estais dispostos à reconciliação? [«Sim!»] De coração, estais dispostos a amar esta pátria maravilhosa? [«Sim!»] E volto ao princípio: de coração, estais dispostos a rezar? [«Sim!»]

E peço-vos também que rezeis por mim, para que possa ser um bom Bispo, para que possa ser um bom Papa. Prometeis rezar por mim? [«Sim!»]

E agora dar-vos-ei a bênção, a vós e às vossas famílias. Uma bênção, pedindo ao Senhor que vos dê o amor e a paz.

(*A bênção*)

Boa noite! E rezai por mim.

**Discurso preparado pelo Santo Padre**

*Queridos jovens, queridos amigos, boa noite!*

Tenho a grande alegria de vos encontrar nesta noite, quando começamos um novo ano litúrgico com o tempo do Advento. Porventura não é esta, para cada um de nós, ocasião dum novo começo, ocasião de «passar à outra margem» (cf. *Lc* 8, 22)?

Agradeço ao vosso amigo a saudação que acaba de me dirigir em nome de todos vós. Durante este nosso encontro, poderei ministrar o sacramento da Reconciliação a alguns de vós. Assim quero convidar-vos a reflectir sobre a grandeza deste sacramento em que Deus vem ao nosso encontro de maneira pessoal. Sempre que Lho pedirmos, Ele vem connosco para nos fazer «passar à outra margem», aquela margem da nossa vida em que Deus nos perdoa, derrama em nós o seu amor que cura, alivia e levanta. O [*Jubileu da Misericórdia*](http://www.iubilaeummisericordiae.va/content/gdm/pt.html), que acabo de ter a alegria de abrir particularmente para vós, queridos amigos centro-africanos e africanos, lembra-nos precisamente que Deus nos espera, de braços abertos, como nos recorda a bela imagem do Pai que acolhe o filho pródigo.

Na verdade, o perdão recebido consola-nos e permite-nos recomeçar com o coração confiante e em paz, capazes de viver em maior harmonia connosco mesmo, com Deus e com os outros. E o perdão recebido permite-nos, por nossa vez, perdoar. Temos necessidade dele sempre, mas de modo particular em situações de conflito, de violência como estas que conheceis ainda demasiado frequentemente. Reafirmo a minha proximidade a quantos de vós foram atingidos pelo sofrimento, a separação, as feridas infligidas pelo ódio e a guerra. Neste contexto, perdoar a quem nos fez mal é, humanamente, muito difícil. Mas Deus dá-nos força e coragem para nos tornarmos aqueles artesãos de reconciliação e paz de que o vosso país tanto necessita. O cristão, discípulo de Cristo, segue as pegadas do seu Mestre, que na Cruz pediu ao Pai perdão para aqueles que O crucificavam (cf. *Lc* 23, 34). Como esta atitude está longe dos sentimentos que habitam, com demasiada frequência, o nosso coração! A meditação desta atitude e das palavras de Jesus «Pai, perdoa-lhes» pode ajudar-nos a converter o nosso olhar e o nosso coração. Para muitos, é um escândalo que Deus tenha vindo fazer-Se um de nós. É um escândalo que tenha morrido numa cruz. Sim, é um escândalo: o escândalo da cruz. A cruz continua a escandalizar. Mas é o único caminho seguro: o caminho da Cruz, o caminho de Jesus que veio compartilhar a nossa vida para nos salvar do pecado (cf. [*Encontro com os jovens argentinos*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-argentini-rio.html), Catedral do Rio de Janeiro, 25 de Julho de 2013). Queridos amigos, esta cruz fala-nos da proximidade de Deus: Ele está connosco, está com cada um de vós tanto nas vossas alegrias como nas vossas provações.

Queridos jovens, o bem mais precioso que podemos ter na vida é a nossa relação com Deus. Estais convencidos disto? Estais cientes do valor inestimável que tendes aos olhos de Deus? Sabeis que sois amados e acolhidos por Ele, de forma incondicional, assim como sois? (cf. [*Mensagem para o Dia Mundial da Juventude de 2015*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20150131_messaggio-giovani_2015.html), 2). Dedicando tempo à oração, à leitura da Sagrada Escritura, especialmente do Evangelho, conhecê-Lo-eis melhor e conhecer-vos-eis também a vós mesmos. Na verdade, os conselhos de Jesus podem iluminar hoje também os vossos sentimentos e as vossas opções. Sois entusiastas e generosos, à procura dum grande ideal, indagadores de verdade e beleza. Encorajo-vos a manter o espírito vigilante e crítico face a qualquer comprometimento contrário à mensagem do Evangelho. Obrigado pelo vosso dinamismo criativo, de que tanto necessita a Igreja. Cultivai-o. Sede testemunhas da alegria que dá o encontro com Jesus. Que ela vos transforme, torne a vossa fé mais forte, mais sólida para superar os medos, para penetrardes cada vez mais no desígnio de amor que Deus tem sobre vós! Deus quer o bem de todos os seus filhos. Quantos se deixam contemplar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento (cf. Exort. ap. [*Evangelii gaudium*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html), 1). E, por sua vez, podem contemplar o outro como um irmão, aceitar que seja diferente e descobrir que é uma prenda para mim. É assim que a paz se constrói cada dia. Isto exige tomar a estrada do serviço e da humildade, exige estar atentos às necessidades do outro. Para se entrar nesta lógica, é preciso ter um coração que saiba humilhar-se e partilhar a vida com aqueles que estão mais necessitados. Aqui está a verdadeira caridade. E assim, começando por coisas pequenas, cresce a solidariedade e os germes de divisão desaparecem. Deste modo, o diálogo entre os crentes dá fruto, a fraternidade é vivida dia a dia e dilata o coração, perspectivando um futuro. Desta forma, podeis fazer muito bem pelo vosso país, e encorajo-vos a fazê-lo.

Queridos jovens, o Senhor está vivo e caminha ao vosso lado. Quando as dificuldades parecem acumular-se, quando o sofrimento, a tristeza campeiam ao vosso redor, Ele não vos abandona. Deixou-nos o memorial do seu amor: a Eucaristia e os sacramentos para avançarmos, encontrando neles a força para continuar cada dia. E esta deve ser a fonte da vossa esperança e da vossa coragem para *passar à outra margem* (cf. *Lc* 8, 22), com Jesus, abrindo novos caminhos para vós e a vossa geração, para as vossas famílias, para o vosso país. Rezo para que mantenhais esta esperança. Permanecei ancorados nela e dá-la-eis aos outros, ao nosso mundo ferido pelas guerras, os conflitos, o mal, o pecado. Não esqueçais: o Senhor está convosco. Confia em vós. Quer que sejais seus discípulos-missionários, sustentados pela oração da Virgem Maria e pela oração de toda a Igreja nos momentos difíceis e nas provações. Queridos jovens da África Central, ide; eu vos envio!

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**ENCONTRO COM A COMUNIDADE MUÇULMANA**

***DISCURSO DO SANTO PADRE***

*Mesquita Central de Koudoukou, Bangui (República Centro-Africana)  
Segunda-feira, 30 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/30/repcentrafricanamusulmani.html)**]**

*Queridos amigos, líderes e crentes muçulmanos!*

É com grande alegria que vos encontro e exprimo a minha gratidão pela vossa calorosa recepção. Em particular, agradeço ao íman Tidiani Mousa Naibi pelas suas amáveis palavras de boas-vindas. A minha visita pastoral à República Centro-Africana não seria completa, se não incluísse também este encontro com a comunidade muçulmana.

Entre cristãos e muçulmanos, somos irmãos. Devemos, portanto, considerar-nos como tal, comportar-nos como tal. Sabemos bem que os acontecimentos recentes e as violências que abalaram o vosso país não se fundavam em motivos propriamente religiosos. Quem afirma crer em Deus deve ser também um homem ou uma mulher de paz. Cristãos, muçulmanos e membros das religiões tradicionais viveram juntos, em paz, durante muitos anos. Por isso, devemos permanecer unidos, para que cesse toda e qualquer acção que, dum lado e doutro, desfigura o Rosto de Deus e, no fundo, visa defender, por todos os meios, interesses particulares em detrimento do bem comum. Juntos, digamos não ao ódio, não à vingança, não à violência, especialmente aquela que é perpetrada em nome duma religião ou de Deus. Deus é paz, Deus *salam*.

Nestes tempos dramáticos, os líderes religiosos cristãos e muçulmanos quiseram erguer-se à altura dos desafios presentes. Tiveram um papel importante no restabelecimento da harmonia e da fraternidade entre todos. Quero assegurar-lhes a minha gratidão e a minha estima. E podemos também recordar os inúmeros gestos de solidariedade que cristãos e muçulmanos tiveram para com os seus compatriotas de outra confissão religiosa, acolhendo-os e defendendo-os durante esta última crise no vosso país, mas também noutras partes do mundo.

Não se pode deixar de almejar que as próximas consultas nacionais dêem ao país Responsáveis que saibam unir os centro-africanos, tornando-se assim símbolos da unidade da nação em vez de representantes duma facção. Encorajo-vos vivamente a fazer do vosso país uma casa acolhedora para todos os seus filhos, sem distinção de etnia, filiação política ou confissão religiosa. A República Centro-Africana, situada no coração da África, graças à colaboração de todos os seus filhos, poderá então dar a todo o continente um impulso nesta direcção. Poderá influenciá-lo positivamente e ajudar a extinguir os focos de tensão presentes nele e que impedem os africanos de beneficiar do desenvolvimento que merecem e a que têm direito.

Queridos amigos, queridos irmãos, convido-vos a rezar e a trabalhar pela reconciliação, a fraternidade e a solidariedade entre todos, sem esquecer as pessoas que mais sofreram com estes acontecimentos.

Que Deus vos abençoe e proteja! *Salam alaikum!*

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

**SANTA MISSA**

***HOMILIA DO SANTO PADRE***

*Estádio Esportivo Barthélémy Boganda, Bangui (República Centro-Africana)  
Segunda-feira, 30 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/30/repcentrafricanastadio.html)**]**

Ao ouvir a primeira Leitura, podemos ter ficado maravilhados com o entusiasmo e o dinamismo missionário presente no apóstolo Paulo. «Que bem-vindos são os pés dos que anunciam as boas novas!» (*Rm* 10, 15). Estas palavras são um convite a darmos graças pelo dom da fé que recebemos destes mensageiros que no-la transmitiram. E são também um convite a maravilhar-nos à vista da obra missionária que trouxe, pela primeira vez – não há muito tempo –, a alegria do Evangelho a esta amada terra da África Central. É bom, sobretudo quando os tempos são difíceis, quando não faltam as provações e os sofrimentos, quando o futuro é incerto e nos sentimos cansados e com medo de falir, é bom reunir-se ao redor do Senhor, como fazemos hoje, rejubilando pela sua presença, pela vida nova e a salvação que nos propõe, como *outra margem* para a qual nos devemos encaminhar.

Esta *outra margem* é, sem dúvida, a vida eterna, o Céu onde nos esperam. Este olhar voltado para o mundo futuro sempre sustentou a coragem dos cristãos, dos mais pobres, dos mais humildes, na sua peregrinação terrena. Esta vida eterna não é uma ilusão, não é uma fuga do mundo; é uma realidade poderosa que nos chama e compromete a perseverar na fé e no amor.

Mas, a *outra margem* mais imediata que procuramos alcançar, esta salvação adquirida pela fé de que nos fala São Paulo, é uma realidade que transforma já a nossa vida presente e o mundo em que vivemos: «É que acreditar de coração leva a obter a justiça» (cf. *Rm* 10, 10). O crente acolhe a própria vida de Cristo, que o torna capaz de amar a Deus e amar os outros duma maneira nova, a ponto de fazer nascer um mundo renovado pelo amor.

Demos graças ao Senhor pela sua presença e pela força que nos dá no dia-a-dia da nossa vida, quando experimentamos o sofrimento físico ou moral, uma pena, um luto; pelos actos de solidariedade e generosidade de que nos torna capazes; pela alegria e o amor que faz brilhar nas nossas famílias, nas nossas comunidades, não obstante a miséria, a violência que às vezes nos circunda ou o medo do amanhã; pela coragem que infunde nas nossas almas de querer criar laços de amizade, de dialogar com aqueles que não são como nós, de perdoar a quem nos fez mal, de nos comprometermos na construção duma sociedade mais justa e fraterna, onde ninguém é abandonado. Em tudo isso, Cristo ressuscitado toma-nos pela mão e leva-nos a segui-Lo. Quero dar graças convosco ao Senhor de misericórdia por tudo aquilo que vos concedeu realizar de bom, de generoso, de corajoso nas vossas famílias e nas vossas comunidades, durante os acontecimentos que há muitos anos se têm verificado no vosso país.

Todavia é verdade também que ainda não chegámos à meta, de certo modo estamos no meio do rio, e devemos decidir-nos com coragem, num renovado compromisso missionário, a *passar à outra margem*. Cada baptizado deve romper, sem cessar, com aquilo que ainda há nele do homem velho, do homem pecador, sempre pronto a reanimar-se ao apelo do diabo (e como age no nosso mundo e nestes tempos de conflito, de ódio e de guerra!) para o levar ao egoísmo, a fechar-se desconfiado em si mesmo, à violência e ao instinto de destruição, à vingança, ao abandono e à exploração dos mais fracos…

Sabemos também quanta estrada têm ainda de percorrer as nossas comunidades cristãs, chamadas à santidade. Todos temos, sem dúvida, de pedir perdão ao Senhor pelas numerosas resistências e relaxamentos em dar testemunho do Evangelho. Que o Ano Jubilar da Misericórdia, agora iniciado no vosso país, seja ocasião para isso! E vós, queridos centro-africanos, deveis sobretudo olhar para o futuro e, fortes com o caminho já percorrido, decidir resolutamente realizar uma nova etapa na história cristã do vosso país, lançar-vos para novos horizontes, fazer-vos mais ao largo para águas profundas. O apóstolo André, com seu irmão Pedro, não hesitaram um momento em deixar tudo à chamada de Jesus para O seguir: «E eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-No» (*Mt* 4, 20). Ficamos maravilhados, também aqui, com tanto entusiasmo por parte dos Apóstolos: de tal maneira os atrai Cristo a Si que se sentem capazes de poder empreender tudo, e tudo ousar com Ele.

Assim cada um pode, no seu coração, fazer a pergunta tão importante acerca da sua ligação pessoal com Jesus, examinar o que já aceitou – ou recusou – a fim de responder à sua chamada para O seguir mais de perto. O grito dos mensageiros ressoa mais forte do que nunca aos nossos ouvidos, precisamente quando os tempos são duros; aquele grito que «ressoou por toda a terra e até aos confins do mundo» (cf. *Rm* 10, 18; *Sal* 19/18, 5). E ressoa aqui, hoje, nesta terra da África Central; ressoa nos nossos corações, nas nossas famílias, nas nossas paróquias, em qualquer parte onde vivemos, e convida-nos à perseverança no entusiasmo da missão; uma missão que precisa de novos mensageiros, ainda mais numerosos, ainda mais generosos, ainda mais jubilosos, ainda mais santos. E somos chamados, todos e cada um de nós, a ser este mensageiro que o nosso irmão de qualquer etnia, religião, cultura espera, muitas vezes sem o saber. De facto, como poderá este irmão acreditar em Cristo – pergunta-se São Paulo –, se a Palavra não for ouvida nem proclamada?

Também nós, a exemplo do Apóstolo, devemos estar cheios de esperança e entusiasmo pelo futuro. A *outra margem* está ao alcance da mão, e Jesus atravessa o rio connosco. Ele ressuscitou dos mortos; desde então, se aceitarmos ligar-nos à sua Pessoa, as provações e os sofrimentos que vivemos sempre constituem oportunidades que abrem para um futuro novo. Cristãos da África Central, cada um de vós é chamado a ser, com a perseverança da sua fé e com o seu compromisso missionário, artesão da renovação humana e espiritual do vosso país. Sublinho, artesão da renovação humana e espiritual.

A Virgem Maria, que, depois de ter compartilhado os sofrimentos da paixão, partilha agora a alegria perfeita com o seu Filho, vos proteja e encoraje neste caminho de esperança. Amen.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

[VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO   
AO QUÉNIA, UGANDA E REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html)   
(25-30 DE NOVEMBRO DE 2015)

***ENCONTRO COM OS JORNALISTAS  
DURANTE O VOO DE REGRESSO DE BANGUI A ROMA***

*Segunda-feira, 30 de Novembro de 2015*

**[**[**Multimídia**](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/30/africagiornalisti.html)**]**

(Padre Lombardi)

Santo Padre, bem-vindo ao nosso meio para este encontro que já é uma tradição e pelo qual todos esperávamos. Sentimo-nos muito agradecidos por reservar ainda tempo para nós depois duma viagem tão intensa, o que nos dá a entender toda a disponibilidade que tem para nos ajudar.

Mas, antes de começar com a série de perguntas, queria, em nome pessoal e dos colegas, agradecer à EBU, *European Broadcasting Union*, que organizou as transmissões ao vivo da África Central. As transmissões televisivas directas, que giraram o mundo a partir da África Central, puderam-se realizar graças à *European Broadcasting Union*, aqui representada por Elena Pinardi: agradecemos-lhe em nome de todos. A EBU celebra 65 anos de actividade e vê-se como serve ainda e, por isso, estamos-lhe muito gratos.

Então agora, como de costume, pensamos começar pelos nossos hóspedes do país aonde fomos. Uma vez que temos quatro quenianos, duas perguntas provêm agora, no início, do Quénia. A primeira é de Namuname, que pertence ao *Kenya Daily Nation*.

(Bernard Namuname, *Kenya Daily Nation*)

A minha saudação, Santidade. No Quénia, o senhor encontrou as famílias pobres em Kangemi. Ouviu as suas histórias de exclusão dos direitos humanos fundamentais, como a falta de acesso a água potável. No mesmo dia, foi ao Estádio Kasarani, onde encontrou os jovens. Também eles lhe contaram as suas histórias de exclusão, por causa da ganância dos homens e da sua corrupção. Que sentia enquanto escutava as suas histórias? E que é preciso fazer para pôr fim às injustiças? Obrigado.

(Papa Francisco)

Sobre este problema, falei de maneira forte pelo menos três vezes. No primeiro encontro dos [Movimentos Populares no Vaticano](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141028_incontro-mondiale-movimenti-popolari.html); no [segundo encontro dos Movimentos Populares, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html); e depois… duas, sim mais duas vezes: na [*Evangelii gaudium*](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html), um pouco e em seguida, clara e fortemente, na [*Laudato si*’](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Não recordo os dados estatísticos e, por isso, peço para não publicardes os dados que vou dizer porque não sei se são verdadeiros, mas ouvi-os. Creio que 80% da riqueza do mundo está nas mãos de 17% da população; não sei se é verdade, mas, se o não for, quase acertaram porque as coisas estão assim. Se algum de vós conhece este dado estatístico, peço que o diga para ser correcto. É um sistema económico que tem no centro o dinheiro, o deus dinheiro. Lembro-me de que uma vez encontrei um grande embaixador, falava francês – não era católico – e disse-me esta frase: «*Nous sommes tombés dans l'idolatrie de l'argent* – caímos na idolatria do dinheiro» E, se as coisas continuam deste jeito, o mundo continuará assim. O senhor perguntava-me que sentia com os [testemunhos dos jovens](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/27/kenyagiovani.html) e a [Kangemi](http://w2.vatican.va/content/francesco/it/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/27/kenyakangemi.html), onde falei também claramente de direitos. Senti tristeza; e pensava como é possível que a gente não se dê conta disto? Uma grande tristeza. Ontem, por exemplo, fui ao hospital pediátrico: o único que há em Bangui e no país! E, na terapia intensiva, não têm os instrumentos para o oxigénio. Havia muitas crianças subnutridas, muitas. E a médica disse-me: «Na sua maioria, estes morrerão, porque têm a malária, forte, e estão subnutridos». O Senhor – não quero fazer uma homilia; mas é palavra que nós aceitamos e adoramos porque é Palavra de Deus –, o Senhor sempre censurava ao povo, ao povo de Israel, a idolatria. E a idolatria acontece quando um homem ou uma mulher perde o «bilhete de identidade», o seu ser filho de Deus, e prefere arranjar um deus à sua própria medida. Isto é o início. A partir disso, se a humanidade não mudar, continuarão as misérias, as tragédias, as guerras, as crianças que morrem de fome, a injustiça... Que pensará esta percentagem de gente que tem nas mãos 80% da riqueza do mundo? Isto não é comunismo, é a verdade. E a verdade não é fácil de se ver. Agradeço-lhe por ter feito esta pergunta, porque é a vida...

(Padre Lombardi)

Agora, a segunda questão é doutro colega do Quénia, de Mumo Makau, que é da «*Radio Capital*» do Quénia. Também ele fará a pergunta em inglês e Matteo traduz.

(Mumo Makau, *Radio Capital* do Quénia)

Muito obrigado por esta oportunidade, Santo Padre. Queria saber qual foi, para si, o momento mais memorável desta viagem à África. Voltará em breve a este Continente? E qual é a sua próxima meta?

(Papa Francisco)

Comecemos pelo fim: se tudo correr bem, creio que a próxima viagem será ao México. As datas ainda não são precisas. Segundo ponto: Voltarei à África? Bem, não sei! Estou velho, as viagens são pesadas... Quanto à primeira questão: um momento [que me tocou de maneira particular]. Penso naquela multidão, naquela alegria, naquela capacidade de festejar, de fazer festa com o estômago vazio. Para mim, a África foi uma surpresa. Pensei: Deus surpreende-nos, mas também a África nos surpreende! Tantos momentos... A multidão, a multidão. Sentem-se visitados. Têm um sentido de hospitalidade muito grande. Vi, nas três nações, que tinham este sentido de hospitalidade, porque estavam felizes por sentir-se visitados. Naturalmente cada país tem a sua própria identidade. O Quénia é um pouco mais moderno, mais desenvolvido. O Uganda tem a identidade dos mártires: o povo ugandês, tanto católico como anglicano, venera os mártires. Estive nos dois santuários: primeiro no anglicano, depois no católico; e a memória dos mártires é o seu bilhete de identidade. A coragem de dar a vida por um ideal. E a República Centro-africana: a ânsia de paz, de reconciliação, de perdão. Até há quatro anos atrás, católicos, protestantes, muçulmanos viveram como irmãos. Ontem fui visitar os evangélicos, que trabalham muito bem, e depois, à tarde, [eles vieram à Missa](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/29/repcentrafricanamessa.html). Hoje fui à [mesquita](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/30/repcentrafricanamusulmani.html), rezei na mesquita; o próprio Imã subiu para o «papamóvel» a fim de dar a volta ao pequeno Estádio. É isto que conta: pequenos gestos. É isto que querem. Apesar de haver um grupito muito violento (creio que é cristão ou se diz cristão; isto não compreendi muito bem, mas não é o IS, é outra coisa!), querem a paz. Agora terão lugar as eleições, escolheram um Estado de Transição, escolheram o Prefeito [de Bangui], aquela Senhora, como presidente do Estado de Transição e ela fará as eleições; mas procuram a paz, a reconciliação entre eles, nenhum ódio.

(Padre Lombardi)

Agora damos a palavra a Philip Pullella, que é um colega da *Reuters* que todos conhecemos.

(Philip Pulella, *Reuters*)

Santidade, hoje fala-se muito de «*Vatileaks*». Sem entrar nos detalhes do processo em curso, gostaria de lhe pôr esta pergunta. O Santo Padre, no Uganda, improvisando, disse que a corrupção existe por todo o lado, inclusive no Vaticano. Então a minha pergunta é esta: Qual é a importância da imprensa livre e laica para a erradicação desta corrupção, onde quer que se encontre?

(Papa Francisco)

A imprensa livre, laica e também confessional desde que seja profissional – porque o profissionalismo da imprensa pode ser laico ou confessional, o importante é que sejam profissionais de verdade, que as notícias não sejam manipuladas – para mim é importante, porque a denúncia das injustiças, das corrupções é um bom serviço, dizendo: «Aqui há corrupção». E, depois, o responsável deve fazer qualquer coisa, promover um julgamento, levar a tribunal. Mas a imprensa profissional deve dizer tudo, sem cair nos três pecados mais comuns: a desinformação (dizer metade e ocultar a outra metade), a calúnia (a imprensa não profissional, isto é, quando não há profissionalismo, enxovalha o outro com ou sem verdade) e a difamação, que é dizer coisas que roubam a boa-fama a uma pessoa, coisas que neste momento não interessam, talvez coisas do passado… Estes são os três defeitos que atentam contra o profissionalismo da imprensa. Mas precisamos de profissionalismo. Contar direito: a coisa é assim, assim e assim. E, sobre a corrupção, ver bem os dados e dizê-los: sim, há corrupção aqui, por isto, isto e isto... Além disso um jornalista, que seja um verdadeiro profissional, se errar, pede desculpa: pensava que era, mas depois dei-me conta que não. E assim as coisas estão muito bem. É muito importante.

(Padre Lombardi)

Agora damos a palavra a Philippine de Saint-Pierre, que é responsável da televisão católica francesa. Passamos à França, a Paris. Sentimo-nos todos muito solidários com a França, neste período.

(Philippine de Saint-Pierre, responsável da televisão católica francês *KTO*)

Santo Padre, boa tarde. O Santo Padre prestou homenagem à plataforma criada pelo Arcebispo, o Imã e o Pastor de Bangui, e hoje, mais do que nunca, sabemos que o fundamentalismo religioso ameaça o planeta inteiro: vimo-lo nomeadamente em Paris. Perante este perigo, pensa que os dignitários religiosos devem intervir mais em campo político?

(Papa Francisco)

Intervir em campo político: se significa «fazer política», não. Faça o padre, o pastor, o imã, o rabino: esta é a sua vocação. Mas faz-se política indirectamente, pregando valores, valores verdadeiros; e um dos valores maiores é a fraternidade entre nós. Somos todos filhos de Deus, temos o mesmo Pai. E, neste sentido, deve-se fazer uma política de unidade, de reconciliação e – uma palavra de que não gosto, mas devo usá-la – de tolerância; mas não só tolerância, convivência, amizade. É assim. O fundamentalismo é uma doença que existe em todas as religiões. Nós, católicos, temos alguns – não alguns, muitos – que crêem ter a verdade absoluta e avançam enxovalhando os outros com a calúnia, com a difamação… e ferem, ferem. E digo isto porque acontece na minha Igreja, também connosco, com todos! E deve-se combater. O fundamentalismo religioso não é religioso. Porquê? Porque falta Deus. É idolátrico, como é idolátrico o dinheiro. Fazer política, no sentido de convencer as pessoas que têm esta tendência, é uma política que nós, líderes religiosos, devemos fazer. Mas o fundamentalismo, que acaba sempre numa tragédia ou em crimes, é uma coisa ruim. Infelizmente há um pouco dele em todas as religiões.

(Padre Lombardi)

Agora damos a palavra a Cristiana Caricato que representa *Tv2000*, a televisão católica italiana dos Bispos.

(Cristiana Caricato, *Tv2000*)

Santo Padre, esta manhã, enquanto estávamos em Bangui, realizava-se em Roma uma nova audiência do processo a Mons. Vallejo Balda, à Chaouqui e aos dois jornalistas. Ponho-lhe a pergunta que também muitas pessoas nos fizeram: Porquê estas duas nomeações? Como foi possível que, no processo de reforma que o Santo Padre iniciou, duas pessoas deste tipo tenham podido entrar numa Comissão, a COSEA? Pensa ter cometido um erro?

(Papa Francisco)

Penso que foi cometido um erro. Mons. Vallejo Balda entrou, pelo cargo que detinha e deteve até agora: era secretário da Prefeitura para os Assuntos Económicos, e entrou. Quanto à senhora, não tenho a certeza de como ela entrou, mas creio que não me engano se disser – mas não tenho a certeza – que foi ele quem a apresentou como uma mulher que conhecia o mundo das relações comerciais... Trabalharam e, quando o trabalho terminou, os membros daquela comissão, que se chamava COSEA, ficaram em alguns lugares, no Vaticano. Assim sucedeu com Vallejo Balda. Mas a senhora Chaouqui não permaneceu no Vaticano, porque entrou para a comissão e depois não ficou. Alguns dizem que se irritou por isso, mas os juízes dir-nos-ão a verdade sobre as intenções, porque o fizeram... Para mim, [o que saiu] não foi uma surpresa, não me tirou o sono, porque propriamente fizeram ver o trabalho que a Comissão de Cardeais – o «C9» – começou a fazer de procurar a corrupção e mazelas que não deixam funcionar. E, aqui, quero dizer uma coisa que não tem a ver com Vallejo Balda e Chaouqui, mas é geral; depois volto ao caso, se quiser. A palavra «corrupção» usou-a um dos dois quenianos. Ora, naquela Via Sacra [do Coliseu], treze dias antes da morte de São João Paulo II, o então cardeal Ratzinger, que escreveu os textos da Via-Sacra, falou de «imundícies da Igreja»: ele denunciou isto. Foi o primeiro. Depois morre o Papa na Oitava de Páscoa – a Via-Sacra fora na Sexta-feira Santa – morre o Papa João Paulo e o cardeal tornou-se Papa. Mas antes, na [Missa «*pro eligendo Pontifice*»](http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html) – ele era o Decano – falou da mesma coisa e nós escolhemo-lo por esta sua liberdade de dizer as coisas. E, desde então, corre a notícia de que no Vaticano há corrupção, há corrupção. Sobre o actual julgamento, dei aos juízes as acusações concretas, porque o que importa, para a defesa, é a formulação das acusações. As acusações concretas, técnicas, eu não as li. Era minha vontade que isto terminasse antes do dia 8 de Dezembro, antes do [Ano da Misericórdia](http://www.iubilaeummisericordiae.va/content/gdm/pt.html), mas creio que não será possível, porque quero que todos os advogados que os defendem tenham o tempo de que necessitam para os defender, que haja a liberdade de defesa, toda a liberdade. Foi assim como foram escolhidos, e toda a história. Mas a corrupção vem de longe.

(Cristiana Caricato)

Mas, Santo Padre, que tem em mente fazer, como tenciona proceder para que não mais se possam verificar episódios como estes?

(Papa Francisco)

Bem... Agradeço a Deus que já não exista Lucrécia Borja! [*risos*] Não sei, continuar com os Cardeais, com a comissão a limpar... Obrigado.

(Padre Lombardi)

Obrigado. Agora é a vez de Néstor Pongutá. Néstor Pongutá é um colombiano, trabalha para «*La W Radio*» e acho que também para «*Caracol*»; em todo o caso, é um caro amigo...

(Néstor Pongutá, «*La W Radio*» e «*Caracol*»)

Santidade, antes de mais nada obrigado por tudo o que disse a favor da paz no meu país, na Colômbia, e por tudo o que tem feito no mundo. Mas, nesta ocasião, gostaria de lhe fazer uma pergunta particular. É um tema específico que tem a ver com a mudança política na América Latina, incluindo a Argentina, o seu país, onde agora temos o senhor Macri depois de 12 anos de «kirchnerismo», está a mudar um pouco... Que pensa destas mudanças, da nova direcção que está a tomar a política latino-americana, do Continente donde o próprio Papa provém?

(Papa Francisco)

Ouvi qualquer opinião, mas realmente, neste momento, de verdade não sei que dizer sobre esta geopolítica. Verdadeiramente, não sei. É que há problemas em vários países que vão nesta linha, mas realmente não sei porquê nem como começou. Não sei porquê. Verdadeiramente. É verdade que há vários países latino-americanos nesta situação de mudança, mas não sei explicá-la.

(Padre Lombardi)

Agora damos a palavra a Jürgen Baez, da *DPA*, que trabalha na África do Sul.

(Jürgen Baez, *DPA* da África do Sul)

Santidade, o SIDA está a devastar a África. Hoje o tratamento ajuda muitas pessoas a viver mais tempo. Mas a epidemia continua. Só no Uganda houve 135.000 novos contagiados de SIDA, no ano passado. No Quénia, a situação é ainda pior. O SIDA é a primeira causa de morte entre os jovens africanos. Vossa Santidade encontrou crianças seropositivas e ouviu um testemunho comovente no Uganda. E todavia falou muito pouco sobre este assunto. Sabemos que a prevenção é fundamental. Sabemos também que os preservativos não são o único meio para deter a epidemia, mas são uma parte importante da resposta. Não será tempo de mudar a posição da Igreja a este respeito? Permitir o uso de preservativos para prevenir novos contágios?

(Papa Francisco)

A questão parece-me demasiado pequena e também me parece uma pergunta parcial. Sim, é um dos métodos; sobre este ponto, a moral da Igreja sente-se – penso – perplexa: é o quinto ou é o sexto mandamento? Defender a vida ou defender que a relação sexual esteja aberta à vida? Mas isto não é o problema. O problema é maior. Esta questão faz-me pensar naquela que uma vez fizeram a Jesus: «Diz-me, Mestre: é lícito curar ao sábado?» É obrigatório curar! Esta pergunta, se é lícito curar... Mas a desnutrição, a exploração das pessoas, o trabalho escravo, a falta de água potável: estes são os problemas. Não estejamos a questionar-nos se se pode usar este penso ou outro para uma pequena ferida. A grande ferida é a injustiça social, a injustiça ao meio ambiente, a referida injustiça da exploração e a desnutrição. Este é o problema. Não gosto de descer a reflexões de casuística, quando as pessoas morrem por falta de água e à fome, por causa do habitat... Quando todos estiverem curados ou quando deixarem de existir estas doenças trágicas que o homem provoca quer por causa da injustiça social, quer para ganhar mais dinheiro – pense-se no tráfico das armas! –, quando não houver estes problemas, creio que se poderá fazer a pergunta: «É lícito curar ao sábado?» Porque é que se continuam a fabricar armas e a comercializar as armas? As guerras são a maior causa de mortalidade... Eu diria de não pensar se é lícito ou não curar ao sábado. Eu diria à humanidade: praticai a justiça e, quando todos estiverem curados, quando não houver injustiça neste mundo, podemos falar do sábado.

(Padre Lombardi)

Marco Ansaldo, da «*Republica*»? Ah, ei-lo aqui, para lhe fazer, pelo grupo italiano, a sua pergunta.

(Marco Ansaldo, *Republica*)

Santidade, a pergunta que lhe quero pôr fica-se a dever ao facto de ter havido, nos jornais da última semana, dois grandes acontecimentos sobre os quais se concentraram os mass-media. Um deles foi a sua viagem à África e, obviamente, todos estamos felizes por ter registado um grande sucesso sob todos os pontos de vista; o outro foi uma crise, a nível internacional, que se verificou entre a Rússia e a Turquia, com esta última a abater um avião russo que penetrou no espaço aéreo turco durante 17 segundos; isto com acusações, falta de pedidos de desculpa de ambos os lados, provocando uma crise de que, francamente, não se sentia necessidade nesta «terceira guerra mundial aos pedaços» no nosso mundo, de que Vossa Santidade tem falado. Agora a minha pergunta: Qual é a posição do Vaticano nisto? Mas gostaria de ir mais longe e perguntar-lhe se, por acaso, pensou ir à Arménia nos 101 anos dos conhecidos eventos que se celebrarão em Abril do próximo ano, tal como fora à Turquia no ano passado…

(Papa Francisco)

No ano passado, prometi aos três Patriarcas [Arménios] que ia: a promessa fi-la. Não sei se isso se poderá realizar, mas a promessa fi-la. Depois, as guerras: as guerras nascem da ambição – não estou a falar das guerras em que justamente nos defendemos dum injusto agressor – mas as guerras são uma «indústria». Na história, muitas vezes sucedeu com países cuja economia estava desastrada... «Bem, façamos uma guerra!», e acaba o «desastre». A guerra é um negócio: um negócio de armas. Os terroristas: fazem eles as armas? Bem, talvez alguma pequenita. Quem lhes dá as armas para fazer a guerra? Lá existe toda uma rede de interesses, onde por detrás de tudo está o dinheiro, ou o poder: o poder imperial, ou o poder conjuntural... Mas nós, há anos que estamos em guerra e cada vez mais: os «pedaços» reduzem no número mas ficam maiores... E que penso eu? O Vaticano não sei o que pensa, mas o que penso eu: que as guerras são um pecado, e são contra a humanidade, destroem a humanidade, são a causa de exploração, de tráfico de pessoas, de tantas coisas... Deve-se detê-la. Às Nações Unidas, já duas vezes (aqui no [Quénia](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/26/kenyaunon.html) e em [Nova Iorque](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/9/25/onuvisita.html)) lhes disse: que o vosso trabalho não seja mero nominalismo declarativo, mas seja eficaz; que se construa a paz. Fazem tantas coisas! Aqui, na África, vi como trabalham os Capacetes Azuis... Mas isto não basta. As guerras não são de Deus. Ele é o Deus da paz. Deus fez o mundo, fez tudo bom, tudo bom, mas depois, segundo a narração da Bíblia, um irmão mata o outro: a primeira guerra, a primeira guerra mundial, entre irmãos. Não sei, é assim que me parece; e, com grande amargura, o digo. Obrigado.

(Padre Lombardi)

Agora damos a palavra a Beaudonnet, que representa *France Télévisions*; voltamos à França.

(François Beaudonnet, *France Télévisions*)

Santo Padre, hoje em Paris começa a Conferência sobre as alterações climáticas. O senhor já fez um grande esforço, para que tudo corra bem. Mas nós esperamos mais desta Cimeira Mundial. Temos a certeza de que a Cop21 será o início da solução? Muito obrigado.

(Papa Francisco)

Eu não tenho a certeza, mas posso dizer-lhe que ou é agora ou nunca mais! Desde a primeira – creio que foi em Tóquio – até agora, pouco se fez e, cada ano, os problemas são mais graves. Quando falava numa reunião de universitários sobre o mundo que queremos deixar aos nossos filhos, um deles perguntou-me: «Mas o senhor tem a certeza de que haverá filhos desta geração?» Chegamos ao limite! Chegamos ao limite de um suicídio, para usar uma palavra forte. Eu tenho a certeza de que quase todos aqueles que estão em Paris, na Cop21, têm consciência disto e querem fazer algo. No outro dia, li que os glaciares na Groenlândia perderam milhares de milhões de toneladas. No Pacífico, há um país que está a comprar a outro país terras para transplantar o país, porque, dentro de 20 anos, aquele país não existirá... Não! Eu tenho confiança. Tenho confiança que aquelas pessoas farão qualquer coisa; porque – diria – tenho a certeza de que têm boa vontade para intervir, e espero que o façam. Eu rezo por isso.

(Padre Lombardi)

Obrigado por este toque de optimismo. E, agora, a palavra a Delia Gallagher, de *CNN*.

(Delia Gallagher, *CNN*)

Obrigado. O Santo Padre realizou muitos gestos de respeito e amizade para com os muçulmanos. Pergunto-me: Que têm o Islã e os ensinamentos do profeta Maomé a dizer ao mundo hoje?

(Papa Francisco)

Não entendo bem a pergunta. (...) Pode-se dialogar. Eles têm valores, muitos valores. Têm muitos valores e estes valores são construtivos. E eu tenho também a experiência de amizade – é uma palavra forte, «amizade» – com um muçulmano: é um líder mundial. Podemos falar: ele tem os seus valores; eu, os meus. Ele reza, eu rezo. Muitos valores... A oração, por exemplo. O jejum. Valores religiosos e outros valores também. Não se pode cancelar uma religião, porque, num determinado momento da história, há alguns grupos – ou muitos grupos – de fundamentalistas. É verdade! Sempre houve guerras entre religiões, na história, sempre. Nós também devemos pedir perdão. Catarina de Médicis não era uma santa! E aquela guerra dos Trinta Anos, aquela noite de São Bartolomeu... Devemos pedir perdão, também nós, pelos extremismos fundamentalistas, pelas guerras de religião. Mas eles têm valores; com eles, pode-se dialogar. [Hoje estive na mesquita](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/events/event.dir.html/content/vaticanevents/pt/2015/11/30/repcentrafricanamusulmani.html), rezei; o próprio Imã quis vir comigo dar a volta ao pequeno estádio, onde havia muitos que não puderam entrar... E, no papamóvel, estavam o Papa e o Imã. Podia-se falar. Como em todos os lugares, há pessoas com valores, religiosas, e há pessoas que não são assim. Mas, quantas guerras – e não só de religião – fizemos nós, os cristãos? O saque de Roma, não o fizeram os muçulmanos! Têm valores, têm valores.

(Padre Lombardi)

Obrigado. Agora convidamos Marta Calderón, da *Catholic News Agency*.

(Marta Calderón, *Catholic News Agency*)

Santidade, sabemos que irá ao México. Gostaríamos de saber algo mais sobre esta viagem e também se pensa, dentro desta linha de visitar países que têm problemas, visitar a Colômbia ou, no futuro, outros países da América Latina, como o Perú...

(Papa Francisco)

Sabes, as viagens, na minha idade, não fazem bem... Podem-se fazer, mas deixam marcas. Em todo o caso, irei ao México. Antes de mais nada para visitar Nossa Senhora, porque é a Mãe da América. Para isso vou à Cidade do México. Se não fosse pela Virgem de Guadalupe, eu não iria à Cidade do México, segundo o critério da viagem: visitar três ou quatro cidades que nunca foram visitadas pelos Papas. Mas irei, ao México, por causa de Nossa Senhora. Depois irei a Chiapas, ao sul, na fronteira com o Guatemala; em seguida irei a Morella; e quase certamente, no trajecto de regresso a Roma, passarei talvez um dia ou pouco menos em Ciudad Juarez. Quanto à visita a outros países latino-americanos: em 2017, fui convidado para ir à Aparecida, a outra Padroeira da América de língua portuguesa – é que há duas – e, de lá, será possível visitar outro país, fazer a Missa na Aparecida e depois... Mas não sei, ainda não existem planos. Obrigado.

(Padre Lombardi)

Agora, voltamos ao Quénia, com mais um dos nossos colegas quenianos que vieram viajar connosco: chama-se Mark Masai e é do *National Media* do Quénia.

(Mark Masai, *National Media Group* do Quénia)

Antes de mais nada, obrigado por ter visitado o Quénia e a África, ficamos ainda à sua espera no Quénia, mas para descansar, não para trabalhar. Ora, esta foi a sua primeira visita e todos estavam preocupados com a sua segurança. Que diria ao mundo que pensa que a África é unicamente dilacerada pelas guerras e cheia de ruínas?

(Papa Francisco)

África é vítima. A África sempre foi explorada por outras potências. Da África vinham para a América, vendidos, os escravos. Há potências que procuram apenas apoderar-se das grandes riquezas da África. Não sei, mas talvez seja o continente mais rico... Mas não pensam em ajudar, em fazer crescer o país para que possa trabalhar, para que todos tenham trabalho. A exploração! A África é um mártir. É mártir da exploração da história. Aqueles que dizem que, da África, provêm todas as calamidades e todas as guerras, talvez não compreendam bem o dano que causam à humanidade certas formas de desenvolvimento. Por isso amo a África, porque a África foi uma vítima de outras potências.

(Padre Lombardi)

Bem. Parece-me que estamos praticamente a chegar à uma hora [ao almoço] e, por isso encerramos aqui as perguntas.

Havia ainda uma homenagem que lhe queríamos fazer agora, por ocasião da Cop21: há um livro feito pela *Paris Match* para os Chefes de Estado. É um livro de fotografias feito para os Chefes de Estado sobre os problemas do meio-ambiente.

(Caroline Pigozzi):

Escolheram-se 1.500 fotógrafos, profissionais e amadores, para este livro de fotografias. Todos os Chefes de Estado o recebem hoje, e também Vossa Santidade.

Padre Lombardi)

Então obrigado, Santo Padre, por este tempo que nos deu, apesar do cansaço da viagem. Desejamos-lhe um bom regresso a Roma e uma boa retoma das suas actividades normais.

(Papa Francisco)

Agradeço-vos o trabalho. Agora vem o almoço, mas dizem que hoje fazeis jejum… tendes de trabalhar sobre esta entrevista! Muito obrigado pelo vosso trabalho e pelas vossas perguntas, pelo vosso interesse. Aquilo que vos digo, falo por mim; respondo àquilo que sei e o que não sei não digo, porque não sei. Não invento. Muito obrigado. Obrigado.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana